BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

XI.

APONTAMENTOS

HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS

DA CIDADE

DE PARANAGUA.

POR

DEMETRIO ACACIO FERNANDES DA CRUZ.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.

1863.

H13

J
C

I.

DESCOBERTA DO BRASIL, DITA DA CAPITANIA DE S. VICENTE, FUNDAÇÃO DA VILLA DE PARANAGUÁ.

Pedro Alvares Cabral, portuguez de illustre descendencia, foi por El-Rei D. Manoel escolhido para commandar uma frota de 13 velas, cujo fim era assegurar em favor de Portugal o commercio de especiaria das Indias.

Tomando todas as medidas preventivas para o bom exito de sua commissão, deixou elle em 9 de Março de 1500 o Tejo com rumo feito para Africa, de cujas costas, segundo recommendações, que recebera, amarando-se no intuito de obviar as suas pestiferas calmarias, ao cabo de 40 dias de uma navegação não interrompida, avistou para a parte de Leste, terra, que lhe pareceu desconhecida.

O monte Pascoal foi de feito visto por toda a guarnição da esquadra aos 22 dias precisos do mez de Abril.

No dia immediato foi a terra reconhecida, mas não explorada; e porque Cabral receiasse expôr-se em uma costa desabrigada, tratou de procurar um surgidouro, onde pudesse fundear suas esquadra; este porto elle foi encontra-lo 10 leguas mais para o Norte, e ficou conhecido pelo nome de Porto Seguro.

No dia 26 saltou Cabral em terra com uma parte de sua guarnição para assistir ao officio divino, reconhece-la e toma-la por parte da metropole.

Pelas informações colhidas ficaram convencidos de que era mais uma ilha das do archipelago oceanico; e foi nesta presumpção que lhe deram o nome de Vera Cruz.

Esta inesperada descoberta tal açodamento lhe causou, que sem perda de tempo despachou em uma caravela Gaspar de Lemos para levar a El-Rei tão venturosa noticia.

E porque tivesse no dia 2 de Maio de seguir para as Indias a cumprir sua missão, e os interpretes, que trazia, não fallavam a lingua indigena, teve por conveniente deixar entre os naturaes dous dos degradados que levava para a estudarem.

El-Rei D. Manoel de caracter emprehendedor e muito mais sabio do que comportavam as luzes no seu tempo, tomando na mais subida consideração

tão assignalada descoberta, concebeu o arrojado projecto de mandar explorar esta sua nova possessão mais larga e detalhamente.

Dando ordens conducentes a semelhante fim, determinou que tres caravelas estivessem sobre os ferros para seguirem o caminho, que lhes destinava; e nomeou para seu commandente ao capitão Gonçalo Coelho, o qual, tão ufano quanto pressuroso, deixou as placidas aguas do Tejo aos 15 dias do mez de Maio de 1501.

Cabral, então já de volta de sua viagem das Indias, caminho feito para Lisboa, encontrou a flotilha do commando de Coelho, em Berenegue, donde se fizera na volta do vento com prôa para o Brasil, logrando aos 16 dias de Agosto chegar a altura do cabo de S. Roque, donde seguio para a exploração da costa do Sul, conseguindo chegar a Cananéa, onde deixou um bacharel degradado, cujo verdadeiro nome ainda hoje é objecto de duvida.

Em o anno de 1503 partio de Lisboa com destino identico uma esquadrilha, cujos navios se dispersaram ou perderam.

Seria de algum destes navios naufragados ou de duas das caravelas da esquadra de Pinzon e Solis, que tiveram fim analogo nas praias da Juréa em 1508 que se salvaram os portuguezes, Duarte Reis

Francisco Chaves e seis castelhanos, que 30 annos depois foram encontrados pela esquadra de Martim Affonso na ilha da Cananéa, onde residiam na mais perfeita alliança e concordia com a poderosa tribu dos Carijós ? E' o que a historia nos não diz claramente.

El-Rei D. João III, vendo baldadas todas as tentativas, que fizera perante o governo francez para conter as hostilidades dos corsarios daquella nação, tendo além disto recebido participação do seu embaixador, que se preparavam 10 navios fortes para o corso, deixando a lethargia em que jazera durante as negociações, tomou a offensiva, expedindo para cruzar naquellas suas possessões uma esquadra composta de uma náo e cinco caravelas ao mando de Christovão Jacques, fidalgo de sua real casa.

Christovão Jacques, mais feliz do que alguns dos seus predecessores, conseguio sem grandes contrariedades fundear á ilha de Itamaracá, onde deu principio á fundação de uma feitoria. D'ahi, seguindo o rumo de Sul, foi ter ao Rio da Prata, não sem ter sondado todas as barras, rios, recifes e cachopos, que encontrou, precisando nas cartas suas longitudes e latitudes, plantando marcos ou padrões á medida que reconhecia-as e dellas se apossava por parte da corôa portugueza.

Para attestar a incansabilidade de seus esforços,

legou-nos esse illustre fidalgo cinco marcos de pedra, que ainda hoje se encontram: o primeiro na enseada dos marcos, entre as bahias Formoza e da Traição; o segundo na entrada da bahia de Todos os Santos: o terceiro na barra da Cananéa; o quarto na ilha de Maldonado; e o quinto na ponta mais meridional da bahia de S. Matheus.

Com fim identico apromptou-se com rapidez uma esquadra composta de duas náos, um galleão e duas caravelas, cujo commando se deu a Martim Affonso, o qual, munido de poderes discricionarios na parte concernente á administração e governo, tinha ordem para crear uma colonia forte, de marcar as terras conhecidas, dar sesmarias, etc, etc.

Sahindo barra fóra depois de uma viagem prospera, montou o Cabo de S. Agostinho aos 31 dias do mez de Janeiro de 1531, aportando pouco depois á Itamaracá, onde capturou 3 náos francezas, uma das quaes unio á sua esquadra, outra queimou por incapaz de navegação e a terceira, cujo commando conferio a João de Souza, expedio para a metropole a participar o occorrido a El-Rei e notificar-lhe o proposito, em que estava de levar suas explorações por toda a costa do Sul até mesmo ao Rio da Prata.

E pois de caminho, largando na bahia de

S. Salvador toda a gente devoluta, que trazia a seu bordo com o fim de engrossar o nucleo colonial, distribuio sementes diversas para exprimentar a uberdade do solo, e seguio sua derrota acompanhado sómente de seus soldados e marinheiros até o Rio de Joneiro, onde se demorou por algum tempo antes de singrar para fundear na parte interna da ilha denominada, ainda hoje, do Abrigo.

No decurso desta viagem descobrio elle muitos portos, ilhas, enseadas, cabos, cachopos e rios até então desconhecidos ; e por sua conta e em nome de El-Rei levantou varios padrões nos lugares, que julgou mais apropriados, para em todo o tempo obviar quaesquer pretenções da Hespanha.

Em quanto se entregava elle a estes cuidados, um navio portuguez, demandando as costas brasilicas para carregar madeira, ia naufragar na costa da capitania de S. Vicente, escapando apenas ao furor das vagas João Ramalho e Antonio Rodrigues, os quaes, unidos, deram principio á fundação de uma pequena feitoria na barra da Bertioga, aproveitando-se para esse mister dos destroços do navio naufragado.

Em o dia 1.º de Agosto de 1531, deixando o Rio de Janeiro e seguindo o rumo do Sul, Martim

Affonso, á frente de uma esquadra de duas náos e tres caravelas, proseguio em suas explorações.

Ao cabo de 12 dias de uma viagem feliz, aportou a Cananéa, mandando logo á terra o seu piloto interprete, Pedro Anez, communicar com as tribus, que habitavam esses lugares.

No dia 17 regressou elle para bordo, seguido de dous portuguezes, Francisco Chaves, um bacharel e seis castelhanos, ahi residentes desde 1501, época em que naufragaram.

Os dous portuguezes essencialmente praticos desses lugares e bem vistos dos indigenas, com quem viviam em familia, eram os mais idoneos para informar circumstanciadamente ácerca de suas riquezas.

E de feito, denunciando a Martim Affonso a existencia de jazigos auri-argentinos por aquelles contornos, tantas promessas seductoras fizeram, que no dia 1º de Setembro os fez Martim Affonso seguir para o sertão, acompanhados de um destacamento de 80 praças sob as ordens de Pedro Lobo, a quem incumbio de examinar a riqueza das minas, extenção e uberdade da terra.

Dez mezes gastou Pedro Lobo e seu sequito para desempenhar a commissão de que fôra encarregado, ao cabo dos quaes voltou com 400 escravos curvados ao peso do precioso metal. Ficava, pois,

por esta fórma, satisfeita a promessa dos dous naufragos.

O que, porém, não nos illucida a historia é sobre a qualidade dos 400 escravos, de que se servira Pedro Lobo para trazer ao porto do embarque todo o ouro colhido. E na verdade seriam elles africanos? Se o eram quem os possuia em tanta profusão? Quem os trouxe para o Brasil ainda tão pouco conhecido da propria metropole? Seriam indigenas para quem a sorte da guerra fôra adversa? Se o eram, de quantas pessoas se compunham as tribus ou tribu, que os subjugou? Que tribu era esta? Seria, finalmente, algum navio, que, partindo da Africa com escravos em direcção ás Indias, arrastado pelas correntes oceanicas e por ventura por algum desses temporaes tão communs nas influencias da linha, que foi naufragar á capitania de S. Vicente? E' o que não nos explica a historia.

Demorando-se Martim Affonso em Cananéa apenas 44 dias, durante os quaes expessos nevoeiros o impediram de vêr o sol, suspendeu aos 23 dias do mez de Setembro de 1531 e singrou com rumo de Sul, indo em consequencia de alguns pampeiros naufragar aos 26 de Outubro na entrada do Rio da Prata, junto á foz do riacho Chuy. Este naufragio custou-lhe a vida de 7 pessoas, a perda de sua náo e de um galeão.

O naufragio da náo capitania, onde estavam acondicionados todos os viveres, a má estação e os reparos de que urgiam os mais navios da esquadra, fizeram com que Martim Affonso convocasse um conselho de officiaes, em o qual se decidio, que visto o Rio da Prata ficar além da linha traçada pelo tratado de Tordesilas e ser irrealizavel a continuação das explorações em semelhante estação, que regressasse a esquadra, ficando para reconhecimento do rio um bergantim com 30 homens de tripolação, commandados por Pedro Lopes, ao qual assistiria o dever de assentar padrões e tomar posse em nome da corôa portugueza; esta commissão foi satisfactoriamente desempenhada por elle, que se collocou na altura da confiança depositada em seus merecimentos.

Entrando no porto de S. Vicente aos 22 dias do mez de Janeiro de 1532, diz Warnhagem... « *o bom abrigo que nelle encontrou para as náos, a excellencia das aguas, a abundancia do arvoredo, encantador principalmente aos que acabavam de viver nos arêntos plainos do Chuy, a amenidade do clima, por certo muito preferivel ao do vizinho porto da Cananéa, onde nunca se vira o sol durante 44 dias, e talvez mais que todas estas razões, a presença de um colono portuguez, João Ramalho, que alli contava 20 annos de residencia, e que na-*

turalmente avisado pelos Indios, appareceu dando-lhe razão da terra, e do como ella pelo interior era d campos e clima semelhantes aos de Coimbra, onde nascera, tudo concorreria a predispor o animo do capitão-mór em favor desta paragem para fundar nella, como fundou, a primeira colonia regular européa no Brasil. »

Pelo que vai reproduzido é evidente que Martim Affonso só em 1532, depois que regressou do seu naufragio do Rio da Prata, é que erigio a feitoria de S. Vicente em villa, fazendo para ella convergir toda a gente disponivel da esquadra.

Esta villa teve a sua séde na latitude austral de 24º e 1' e 33º e 26' 20" de longitude, contados da ilha do Ferro; fica pois a legua e meia de Santos e 13 de S. Paulo.

Não é nosso intuito acompanhar em todos os seus pormenores a historia da capitania de S. Vicente, reproduzi-la-hemos sómente nos pontos, que mais contacto tiverem com a de Paranaguá, cujos apontamentos nos encarregamos de dar áquelles, que se quizerem dar ao arduo trabalho de escrever sua historia completa.

João de Sousa, tendo entregado os officios de que fôra portador, foi por El-Rei posto á frente de duas caravelas, que largaram do Tejo aos 28 de Setembro de 1532, com destino a S. Vicente, onde

aportaram no fim dos primeiros mezes do anno seguinte, trazendo a resposta dos mesmos.

Por ella soube Martim Affonso que El-Rei, decidido a pôr termo á pirataria do commercio francez, havia resolvido subdividir toda a costa brasilica em capitanias de 50 leguas cada uma, e que em remuneração dos relevantes serviços prestados por elle e por seu irmão Pedro Lopes, lhe fazia doação de 150 leguas de costa para que as partilhasse com o dito seu irmão, deixando-lhe outrosim o alvitre da escolha entre as melhores, e de regressar para a côrte quando entendesse não ser de muita necessidade sua presença na capitania.

Martim Affonso, aproveitando-se da concessão, predispoz-se a passar a Portugal para melhor promover os seus interesses; e com effeito pelos fins de Janeiro ou principios de Fevereiro de 1533 estava já sua armada prompta para fazer-se de vela, e te-lo-hia immediatamente feito se não lhe tivesse chegado a triste noticia da derrota e carnificina dos 80 portuguezes, que da Cananéa tinham por sua ordem partido para explorar aquelles sertões.

Não lhe sendo possivel desaggravar-se pessoalmente de tão feio insulto, por ter recebido a noticia delle na vespera de sua partida, commetteu a empreza aos capitães Pedro de Góes e Ruy Pinto, que á frente de uma força respeitavel partiram em demanda dos Carijós.

A extenção do Juquiriquiré até a barra de S. Vicente, e a de Paranaguá para o Sul até as immediações da Laguna, que prefaziam as cincoenta leguas da costa e que eram vulgarmente conhecidas pelo nome de terras de Santa Anna, pelas instrucções regias coube debaixo do nome de capitania de Santo Amaro a Pedro Lopes, irmão de Martim Affonso.

Pedro Lopes, logo depois da posse da sua capitania, teve de lutar encarniçadamente com os Pitaguaris, que lhe disputavam palmo a palmo o terreno; derrotando-os, porém, em um combate decisivo, obrigou-os a internarem-se pelos sertões, ficando-lhe então o tempo livre para a escolha do lugar e fundação da colonia.

Derrotados os Pitaguaris e fundada a colonia no lugar mais apropriado, seguio Pedro Lopes a reconhecer a parte de seus dominios, que ficavam para o lado do Sul, indo em consequencia de multiplos temporaes naufragar na fóz do Rio da Prata.

Herdeiro da capitania de S. Vicente por deixa que lhe fizera seu irmão, por sua morte passou ella para o dominio de D. Luiz Alvares de Castro e Sousa.

Pela carta régia de 1 de Setembro de 1534 fez D. João III doação a Pedro Lopes de Sousa, fidalgo de sua casa, em remuneração dos relevan-

tes serviços por elle prestados á corôa na Europa, na Africa, Asia e Oceania, de 80 leguas de terras marinhas no Brasil, cuja demarcação devia principiar 12 leguas ao Sul da da ilha Cananéa e ir terminar nas terras de Santa Anna, as quaes demoravam na altura de 28° e 1/3.

Esta immensidade de costa, que corresponde a nada menos que a distancia, que medeia de Paranaguá a Laguna de nossos dias, não tinha por diversas causas até então sido populadas.

As povoações da capitania de S. Vicente bastante desenvolvidas, já pelos colonos, que recebia da metropole, já pelo crescido numero de escravos, e já finalmente pelos *crioulos* descendentes da mistura das raças, achando-se acanhadas no estreito ambito da villa, tendiam diurnamente a marchar para o rumo de Sul: por esta fórma já tinha sido populada Cananéa emais para diante o foi Paranaguá, como opportunamente o demonstraremos.

Pelo decurso do anno de 1545 foi fundada por Braz Cubas, loco-tenente de Martim Affonso, a villa de Santos.

Deu lugar a esta fundação o ter sido a villa de S. Vicente invadida por um hespanhol de nome Mosqueira, combinado com o degradado portuguez bacharel Duarte Peres, que a saquearam e mais por um crescimento successivo das aguas

do rio, que entrou pela villa, destruindo seus melhores predios.

Braz Cubas, na qualidade de homem pratico e entendido, não desprezava os avisos da prudencia. Mostrando-se superior á catastrophe, e para obviar a reproducção de semelhante desgraça, julgou mais conveniente mudar a séde da villa para o outro lado da ilha, onde se encontrava um ancoradouro mais abrigado e profundo.

Estando revestido da autoridade suprema, como já dissemos, não hesitou perante os interesses particulares chocados ; emprehendeu, e para o bem-estar de todos mudou a séde da villa que então veio a ficar na latitude austral de 23º, 56' e 15" e a sua barra denominada da Estacada na de 24º e 6" e longitude de 33º, 40'.

Ao presente é uma das cidades mais florescentes e commerciantes da costa do Sul do Rio de Janeiro, e póde-se até mesmo sem receio de errar avançar que, á excepção da do Rio-Grande do Sul, é ella a primeira e mais importante.

Thomé de Souza, a quem foi conferido o mando supremo da grande expedição regeneradora, partindo de Lisboa no 1º de Fevereiro aportou á bahia de S. Salvador aos 29 de Março de 1549, trazendo em sua companhia, além de muitas pessoas de qualificação, os jesuitas Manoel da Nobrega, João de Aspilcueta e outros, 600 militares,

400 degradados e muitas familias para colonisação do estado, onde ia crear um governo forte para o qual deviam convergir os das de mais capitanias do Brasil.

O padre Nobrega, tempos depois, soccorrido pelo primaz de sua ordem, com uma profusa remessa de frades, que lhe pedira, entendeu que melhor serviria aos seus interesses e aos da corôa, disseminando-os pelas demais capitanias e sujeitando-os ao rigoroso dever da catechese dos indios.

Thomé de Sousa, informado ácerca do desgoverno que grassava em algumas das capitanias do Sul, determinou examinar pessoalmente até onde se estendia a verdade das informações, que lhe tinham dado, prevenir se consumasse a desorganisação colonial e acautelar os interesses da corôa.

Comtudo, apezar de muito boa ser a sua vontade, só pelos fins de 1552, conseguio ter promptas uma náo e duas caravelas, cujo commando conferio a Pedro de Góes, que a bordo de uma dellas seguio para executar sua inspecção.

Não sendo nosso proposito acompanha-lo em todos os pormenores de sua viagem, contentamo-nos com toma-la na parte que mais contacto tiver com o assumpto de nossas tentativas.

Na capitania de Martim Affonso, diz Warnhagem, *approvou o governador a fundação da villa de Santos, onde se achava já a alfandega, defron-*

te do melhor porto da ilha, e sem deixar de reconhecer que esta só com 3 leguas de extensão era pequena para duas villas; não se atreveu a abolir a de S. Vicente por ser a primeira fundada no Brasil, e ter muito boas casas de pedra, uma honrada igreja e um collegio da companhia de Jesus, pouco antes estabelecido.

Tambem prevenio as duas povoações das assaltadas, que em suas canôas continuamente davam os gentios vizinhos pela barra da Bertioga, fundando uma villa e fazendo fortaleza, da qual mandou a planta a El-Rei.

Thomé de Souza, máo grado a muita insistencia por sua exoneração do governo geral do Brasil, só conseguio obtê-la pelo meiado de Julho de 1553, que foi quando teve por successor a D. Duarte da Costa, o qual, partindo de Lisboa pelos fins do anno anterior, trouxe nos diversos navios, de que se compunha sua esquarda, 18 jesuitas, entre os quaes José de Anchieta e Luiz da Gram, ex-reitor do collegio de Coimbra.

Nobrega, após o recebimento deste reforço, tratou de disseminar os seus confrades pelas diversas capitanias, como já dissemos, vindo felizmente para a capitania de S. Vicente frades animados de bons desejos e bem compenetrados das intenções do seu superior.

A desprotecção, que lhes deram as autoridades

da capitania os obrigou a uma retirada para as extremidades do estado, onde encantados pelas bellas planicies de Piratininga, ahi assentaram seus arraiaes com a intenção de crearem uma colonia.

Os indios Martim Affonso e Cavy-ubi, senhores daquelles lugares e fieis alliados dos portuguezes, a quem sempre fizeram bom agasalho desde a sua chegada a instancias de João Ramalho, que com elles vivia, ha muitos annos, seguindo o exemplo dos jesuitas, transferiram a residencia de suas tribus para as planicies de Piratininga.

O padre Paiva, aproveitando a vinda dos seus e o auxilio dos indios, deu principio á edificação de um collegio, o qual, apezar de todos os esforços, que empregou, só conseguio concluí-lo em 25 de Janeiro de 1554, que foi quando pela primeira vez celebrou o sacrificio da missa.

Este convento, por occasião de serem extinctas as ordens dos jesuitas de Portugal e suas dependencias, foi pelo governador declarado proprio nacional e tomado para sua residencia e dos presidentes. seus successores.

Jesuitas

Retrocedendo um pouco, declaramos que os 5 jesuitas João Aspilcueta, Antonio Peres, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues e Diogo Jacomo, que vieram com Thomé de Sousa, com a sua retirada

do governo, reuniram-se aos de S. Paulo, onde fixaram sua residencia.

Como precedentemente levamos dito, a Thomé de Sousa succedeu D. Duarte da Costa, fidalgo de origem.

O seu governo tornou se celebre pelas desordens, que travou com o bispo e uma parte do povo, que adoptou seu partido.

As guerras, que desta desunião sortiram, trouxeram as rixas, as intrigas e calumnias e foram como uma praga terrivel, que levou a desmoralisação á colonia e a insubordinação aos administrados.

A causa primordial desta desunião, que lavrava na capitania, então dividida em dous campos hostis, foi explorada e muito a proposito aproveitada pelos francezes, que em força foram estabelecer-se no Rio de Janeiro, nessa occasião inteiramente despopulado, e só frequentado por elles que traficavam com os indios e pelos indios, que principiaram a atacar impunemente as colonias e feitorias, ainda as melhores fortificadas.

Como consequencia destas intrigas foi chamado á côrte o bispo, o qual embarcou se em uma náo seguido de alguns padres e familias, que desejavam regressar.

Arrojado pela rigidez de ventos contrarios aos baixos de D. Rodrigo, ahi naufragou, conseguin-

do escapar das ondas para cahir victima do barbaro canibalismo do gentio.

A este respeito, diz Nobrega—*alli acabaram clerigo e leigos, casados e solteiros, mulheres e meninos.*

O desembargador Mem de Sá, substituto de D. Duarte da Costa, ao facto da desorganisação, que lavrava em todas as capitanias do Sul, resolveu visita-las para dar providencias que entendesse necessarias para a boa administração da justiça e desassombra-la dos insultos diurnos dos gentios.

Dando as ordens precisas para conseguir este grande desideratum, despachou o padre Nobrega para S. Vicente, portador da ordem para reunir os indios alliados e mais colonos capazes de pegar em armas, os quaes, embarcados nas canôas de guerra deviam ir espera-lo á entrada da barra do Rio de Janeiro.

Derrotados os francezes na ausencia de Villeganhon, seguio Mem de Sá para a capitania de S. Vicente, onde ordenou que a villa de Piratininga fosse de vez mudada para o alto do morro da igreja de S. Paulo por ser lugar mais defensivel.

Não havendo segurança individual na estrada do Caniço pela invasão, que nella tinham feito os indios antropophagos, prohibio elle expressamen-

te que por ella transitassem os colonos, mandando para resarci-los desta perda proceder a abertura da estrada geral do Cubatão.

A metropole, não podendo por mais tempo transigir com os reiterados pedidos de Mem de Sá, resolveu mandar uma esquadra com bastantes familias para creação de uma nova colonia na bahia do Rio de Janeiro, desamparada desde a derrota dos francezes, que reforçados vieram de novo fortificar-se auxiliados pelos seus alliados, os indios, com os quaes viviam na mais cordial intelligencia.

Não sendo bastantes os soccorros da metropole, resolveu busca-los nas capitanias. Estacio de Sá que commandava em chefe dirigindo-se á capitania de S. Vicente pedio pela segunda vez soccorro, que lhe foi outorgado com a melhor vontade já em colonos e indios aguerridos, já em pirogas de guerra, como tambem em provisões de toda a especie.

Com todos os elementos combinados conseguio elle a definitiva expulsão dos francezes e o completo abatimento dos indios seus comparsas.

Chamado instantemente a bahia de S. Salvador para conter os Aimorés, que pela segunda vez talavam as habitações portuguezas e seus campos, ora com o ferro, ora com o fogo, teve de retirar-se da capitania de S. Vicente, não sem ter delegado

em Nobrega e Anchieta os cuidados de promover o desenvolvimento da colonia de Piratininga.

Os habitadores da capitania de S. Vicente, que se foram estabelecer em Cananéa, conjunctamente com os primitivos povoadores, descendentes dos portuguezes alli naufragados em 1501, achando-se fortes em numero, porém fracos em riquezas, animaram-se como excellentes pescadores, que eram, a embarcar em grandes canôas, sahirem barra fóra e affrontarem as vagas oceanicas.

Costeando as praias de Ararapirá e Superaguy, depois de algum trabalho, conseguiram alfim varar pela barra de Paranaguá, em frente de cujo bello panorama pararam extasiados.

Admirados de se verem cercados de tantas cabanas de Carijós, receiosos de que elles lhes fizessem alguma traição, endireitaram para a parte da ilha da Cutinga, que fica ao lado do varadouro ou furado que a divide da ilha Rasa.

Julgando-se seguros ahi, principiaram a construir suas cabanas, presumindo talvez que por estarem cercados de mar por todos os lados, mais facil lhes seria a defesa em caso de aggressão e mais lisongeira a esperança de lograrem escapar a alguma emboscada premeditada.

Mas, ou porque tivessem trazido comsigo alguns indios domesticados para lhes servirem de interpre-

tes ou negociadores, ou porque com dadivas conseguissem captar-lhes a amizade, o que é verdade é que unidos fraternalmente encorajaram-se os colonos a trocarem a posição estrategica da Cutinga pelas terras do continente, que são baixas e pouco defensiveis.

As cabanas, que tinham sido principiadas na ilha, foram abandonadas para logo, porque os colonos passaram-se definitivamente para a terra firme, e procuraram para estabelecimentos de seus arraiaes a costeira do lado direito da bahia, conhecida em os nossos dias pelo nome vulgar de *costeira da barra do Sul.*

Pelas explorações, a que se deram no continente, passados os primeiros tempos de seu estabelecimento, ascendendo pelos rios dos Almeidas, Corrêas e Guaragussu, lograram descobrir abundantes minas de ouro, que ficaram pelo correr dos tempos conhecidas pelo nome de *Minas de Paranaguá.*

Esta denominação generica chegou a abranger a todas aquellas minas, que posteriormente foram descobertas, nos contornos, inclusive as que por conta do erario real foram exploradas em o anno de 1578.

As minas do Assumguy, Serra Negra, Thagassaba, Faisqueira, Pintos, Guarumby e Cubatão estão neste caso, porque sendo descobertas muitos

annos depois, nem por isto deixaram de ficar comprehendidas naquella denominação.

A villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanhanhem, que ficava na latidude austral de 24º 10', e longitude de 331º 20' e por conseguinte distante de S. Paulo 22 leguas portuguezas, foi fundada em 1561 pelos esforços do capitão Francisco de Moraes, loco-tenente do donatario da capitania de S. Paulo.

Em 1562 teve S. Paulo o foral de villa; em 1712 foi elevada á categoria de cidade, e em 1746 á proeminencia de bispado. Hoje é a capital da provincia deste nome e fica na latitude austral de 23º 23', e 30'' e 331º 25' de longitude.

S. Paulo, logo depois de obter o foral de villa, teve de lutar energicamente para repellir os indios rebellados, os quaes com seu chefe Jagonhagan sobrinho de Tibiriçá, á frente investiram a villa e te-la-hiam levado de escalada se elle não fosse morto ao arrombar as portas da igreja.

Esmorecidos com esse revéz, com o qual não contavam, foram repellidos pelos portuguezes, que os destroçaram completamente.

Successos identicos se deram nas outras capitanias. Os Tamoios de Nitherohy, confederando se com os Tupinambás e Amoirés e outras tribus limitrophes menores, intentaram uma rebel-

lião geral, cujo fim era expulsar do sólo patrio todos os portuguezes.

Armando uma respeitavel esquadra de trezentas pirogas de guerra, perfeitamente bem tripoladas, puzeram-se a caminho os caciques Coaquira Ambiré por parte dos Tamoios, Pindobuza e Parapanuza por parte dos Tupinambás e Aimorés e foram ter a Ipiroyg, que era o posto designado para reunião geral. Ahi, em occasião opportuna, que aguardariam com a paciencia e boa vontade de quem quer, cahiriam de chofre sobre S. Vicente e em seguida sobre todas as demais povoações maritimas da costa do Sul.

Os padres Nobrega e Anchieta, ao corrente destas tristes noticias, embarcaram-se em companhia do chefe indio alliado, Cunhambebe, e foram ter ao campo inimigo, com cujos chefes conferenciaram e puderam obter que se dispersassem depois de ajustarem uma paz geral.

uissAque, á inaudita coragem destes dous sacerdotes, á sua eloquencia e desapego á vida, deveram os colonos portuguezes sua salvação e tranquillidade.

No anno de 1569, embarcaram em Lisboa com destino ao Brasil 69 religiosos em differentes vazos, de que se compunha a esquadra expedicionaria ; destes apenas um chegou ao Brasil,

os outros ou naufragaram em consequencia de repetidos temporaes ou foram aprisionados pelo corsario normando, Jacques Loré, que havia jurado a perda e exterminio de quantos christãos lhe cahisse nas mãos.

Emquanto esta scena de luto se passava entre a abobada celeste e as vagas do oceano, os jesuitas de Piratininga não descansavam, antes pelo contrario proseguiam com todo o fervor na sua obra de conversão, e tinham nessa occasião voltadas suas batarias contra o campo ou arraial dos Guaranis.

Passando em resenha o anno de 1571 encontramos apenas dous factos memoraveis : um é o da morte aos 53 annos de idade do jesuita Manoel da Nobrega ; o outro é o do fallecimento do governador do Rio de Janeiro, Mem de Sá.

Com a perda destes dous varões illustres perdeu o Brasil um talento administrativo superior, um zelador incansavel da prosperidade da patria, e o mais eloquente e persuasivo dos prégadores sacros.

Se os serviços do primeiro foram de subida importancia, os do segundo com o symbolo de Deos em uma mão e a inspiração nos labios, prégando aos indios, adoçando-lhes os costumes rudes e

trazendo os ao regaço da paz social, não o foram menos.

Salvador Corrêa de Sá, o velho, nomeado pela segunda vez governador do Rio de Janeiro pelo decurso do mez de Janeiro de 1578, com a posse do seu lugar accumulou o de superintendente das minas, pouco antes de sua nomeação descobertas na capitania do Espirito-Santo ao Norte e das de Paranaguá ao Sul.

Em consequencia dos regimentos, que lhe foram dados por El-Rei em Valhadolic em 15 de Agosto de 1603 e 4 de Novembro de 1613, creou os lugares de guarda-mór, cujas attribuições versavam sobre o emprego de toda a vigilancia para que os metaes preciosos não fossem distrahidos pelos mineiros.

E' para presumir que a esse tempo ja muito se trabalhasse nas minas de Paranaguá, porque a primeira amostra de ouro, que das costas brasilicas foi remetida a El-Rei D. Henrique, foi extrahida dellas.

E como nenhuma havia conhecida, que se não trabalhasse por conta do estado, é para suppor que essa amostra fosse remettida para Portugal pelo seu primeiro administrador, por quanto era um dos maiores cuidados do governo prover logo esses lugares afim de previnir os extravios.

Esses administradores tinham sob suas ordens uma companhia de indios, pagos pelo erario publico, os quaes não só se prestavam para a mineração, mas ainda para as descobertas de novas lavras logo que as primeiras estavam esgotadas ou extinctas.

Ao tempo do governo inquisitorial de Felippe II, de Castella, foi o governo geral do Brasil dividido em duas partes bem distinctas.

A primeira, cuja séde assentava na Bahia, abrangia todo o norte do imperio de nossos dias; a segunda circumscrevia-se ás tres capitanias, do Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente.

Para est divisão nomeou elle em 1591 capitão-general a D. Francisco de Souza, a quem conferio a mesma jurisdicção e alçada, que ao da Bahia e mais a superintendencia e descoberta das minas de ouro e prata.

Em 1597, isto é, 56 annos depois da infeliz expedição de Martim Affonso de Souza, foi fundada a villa de Cananéa pelo capitão Tristão de Oliveira Lobo, cuja sepultura ainda se encontra na sua igreja matriz.

Chegando a noticia da bulla promulgada por Paulo III em beneficio dos jesuitas, a quem conferia todo o direito e dominio sobre os indios, levantaram-se os paulistas em massa e os expul-

saram, sendo até preciso que Salvador Corrêa, que então governava as capitanias do Sul, pactuasse com elles, logrando congraça-los de todo, pouco tempo depois do facto da acclamação de D. João IV, a qual teve lugar depois de feita em S. Vicente pela rejeição, que da soberania fez Amador Bueno, a quem o povo queria forçar a aceitar a corôa soberana.

Thomaz Cavendish, inglez de nobre estirpe, porém extremamente estravagante, consumindo o rico patrimonio, que herdara de seus maiores, fez-se, com audiencia de seu governo, corsario.

A' frente de uma esquadra de 5 velas deixou a Inglaterra a pretexto de exercer sua profissão no estreito de Magalhães ; chegando, porém, as aguas da capitania de S. Vicente, destacou o seu immediato, Carlos Cork, com dous dos melhores de seus navios para saquear a villa de Santos, que escolheu para theatro de seu vandalismo.

Cork, protegido pelo tempo, desembarcou repentinamente, sorprendeu parte dos habitantes, que estavam na igreja, cercou-a e propôz-lhes a compra de suas liberdades.

Tratando ao principio de sortir-se de mantimentos, deram-se em seguida ás bebidas alcoolicas, embriagaram-se, como era para presumir,

relaxaram os laços da disciplina e entregaram-se ao somno.

Os indigenas, aproveitando-se das trevas da noite e da embriaguez dos piratas, fugiram para o interior levando tudo quanto pudesse despertar-lhes a concupiscencia.

Quando Cavendish subio o rio, nem mesmo provisões encontrou mais para sua tropa; desesperado com esta inesperada ocurrencia, deitou fogo á villa e fez-se de vela com direcção ao cabo de Horn, donde retrogradou, separado por um violento temporal do resto de sua esquadra.

Exultando com o resultado de sua primeira tentativa, preparou-se para a segunda, mandando desembarcar 25 homens perto de Santos, na praia denominada da Barra.

Os habitantes, escarmentados com a primeira sorpreza, estavam mais vigilantes epreparados para a segunda; tanto que dos 25 homens desembracados só escaparam á de capitação, para serem obrigados a trazer para a villa as cabeças de seus companheiros, dous.

Desanimado Cavendish com a defesa dos paulistas foi tentar fortuna na capitania do Espirito-Santo, onde não foi melhor succedido; porque o seu governador, prevenido á tempo pelos correios expedidos de S. Vicente, emboscou uma força e deixou ue Roberto Morgan em duas chalupas se

approximasse da praia com os seus inglezes, sobre os quaes mandou fazer um fogo tão mortifero e certeiro que poucos foram os que lograram tornar á frota. A praia ficou juncada de cadaveres e a cadêa repleta de prisioneiros.

Pelo decurso do anno de 1597 entregou sua alma ao Creador na aldêa de Retitigba o veneravel jesuita José de Anchieta.

Os importantes serviços prestados á catechese dos indios por este varão illustre fizeram com que seu passamento fosse geralmente sentido por todos os portuguezes.

D. Francisco de Souza, por patente de 2 de Janeiro de 1608, teve ordem para passar á parte sul dos estados de seu governo, seguido de frei Vicente do Salvador em descoberta de minas de ouro e prata com a promessa de que se as realizasse seria elevado á categoria de marquez de Minas, com uma pensão annual de 30 mil cruzados.

De feito, emprehendendo a viagem conseguió a descoberta das minas de Jaraguape na villa de S. Paulo em terras, que foram do Conselheiro da fazenda Antonio José da Franca e Horta e mais as de Varasoiaba no districto de Sorocaba, em as que pertenceram á fabrica de ferro: ahi morreu elle depois de ter superado tantos trabalhos e fadigas sem ter conseguido o titulo do Marquez,

que constituia o alvo de todas as suas ambições.

A deficiencia de braços, que se sentia na colonia de S. Paulo e os revézes por que passarm os habitantes, que pleiteavam contra os indios, apoiados pelos jesuitas, que monopolisavam seus braços para os seus engenhos, deu lugar a uma resolução atrevida dos moradores, que se armaram e internaram-se para guerrearem, aprisionarem e capti arem os indios, que cahissem em suas mãos.

D'ahi nasceu a origem destas bandeiras, que tanto contribuiram para intimidar, afugentar e quasi extinguir as tribus de indios, que povoavam e povoam os nossos sertões para estas bandas.

S. M. El-Rei pelo alvará de 18 de Agosto de 1618 permittio que os habitantes da capitania de S. Vicente minerassem por sua conta, pagando á fazenda real o quinto do metal, que extrahissem, a titulo de compensação pela licença outorgada ; estabelecendo por um regulamento *ad hoc* regras invariaveis para a cobrança e fiscalisação.

Os paulistas levaram pelo decurso do mez de Setembro de 1628 a sua perseguição até as margens do Paraná, onde os indios se tinham agglomerado.

Não havendo leis, que não infringissem uo

autoridade, que os contivesse, D. Luiz de Cepeda quiz embargar-lhes os passos.

Tendo marchado para S. Paulo, e chegado ás margens do Parapanema, sabendo da superioridade de forças dos paulistas, retrocedeu.

Pelo decurso do anno de 1630 sahindo do Porto com destino ao Rio de Janeiro um bergantim portuguez, arrastado pelas correntes e mar foi dar á costa nas praias de Campos dos Goytacazes, cunas eram antropophagos e bravios.

Os indios domesticados, tendo noticia deste naufragio, partiram da aldêa de Cabo-Frio e da de Iriritiba para soccorre-los e arrecadar os volumes arrojados á praia. Chegando ao lugar do naufragio os indios *christianisados*, e não encontrando um unico portuguez, suspeitaram que os Goytaçazes os tivessem assassinado e comido; formaram conselho e reunidos em um corpo compacto atacaram e os destruiram depois de alcançarem a mais completa victoria.

Não contente com o esforço que fizeram e com a victoria que alcançaram, internaram-se, acommetteram todas as aldêas, que encontraram e levaram a fio de espada homens, mulheres, crianças e velhos para se vingarem da affronta recebida nas pessoas dos naufragados, a quem os Goytacazes mal nenhum haviam feito; porque os portuguezes

assim que deram á costa, temerosos de serem acommettidos pelas hordas selvagens, salvaram-se nos escaleres; e depois de passarem por Cabo-Frio, Rio de Janeiro, Ilha Grande, S. Sebastião e as tres barras de Santos, foram entrar pela de S. João da Cananéa, o que muito maravilhou aos habitantes da villa, que de nada sabiam.

A villa de S. Sebastião, fundada em 1636, fica na latitude austral de 27° 47' e 333° de longitude: dista pois de S. Paulo 30 leguas.

No anno seguinte Salvador Corrêa de Sá e Benevides fundou a villa de Ubatuba, estando em substituição do donatorio da capitania.

Fica, pois, esta villa na latitude austral de 23° 26 e 3" e longitude 330°. Está a distancia de 42 leguas de S. Paulo.

Tendo-lhe sido conferida a superintendencia das minas da capitania deliberou visitar as do Sul, que eram as de Iguape, Cananéa e villas de serra acima para o fim de pôr-se ao facto de todas as suas necessidades.

A este tempo El-Rei D. João IV, pelo seu alvará de 6 de Setembro de 1641, encarregou-o outrosim da superintendencia das minas salinas, mandando que elle observasse as provisões de 2 de Janeiro, 28 de Março e 15 de Maio de 1608 e a de 7 de Janeiro de 1609, todas com referencia a ellas.

Achando-se nesse interim a costa maritima de Santos a Paranaguá populada, tendo além disto esta população crescido com a emigração dos povos da Cananéa, S. Vicente e mesmo pelas allianças contrahidas no espaço de 90 annos com as tribus Carijós, tornava-se gravoso para estes povos decidirem de seus pleitos judiciarios em a villa da Cananéa.

Depois de maduramente reflectirem no assumpto, decidiram requerer sua emancipação e a permissão de constituirem-se em villa independente.

Deferida a pretenção, teve lugar a inauguração do pelourinho, em Paranaguá, em 6 de Janeiro de 1646, por ordem de Duarte Corrêa Vasqueanes e em nome de S. M. D. João IV.

Tendo no dia 9 de Março de 1718, de volta de Valparaizo para a Hespanha, arribado ao porto de Paranaguá um galeão hespanhol para refazer-se de aguada e mantimento, foi de perto perseguido por um pirata francez, que cruzava nas costas sul, sem duvida com o fim de tomar-lhe o rico carregamento de prata em barras, que levava.

Entrando pela barra pelo lado da grande bahia foi dar fundo pela parte de fóra da ilha da Cutinga.

O galeão, que estava fundeado no porto da mesma ilha, porém do lado de dentro, apercebeu-

do-se das malevolas intenções do pirata, suspendeu á toda a pressa e foi refugiar-se no outro porto denominado de Nossa Senhora das Neves.

O pirata quiz dar-lhe caça; porém, ou porque o vento não désse lugar á manobra, ou porque fosse perigoso manobrar com vento escasso e correntes fortes, o certo é que só pôde alcançar a ponta da ilha, onde fundeou.

O apparecimento do pirata francez tão perto da villa pôz tudo em alvoroto e deu lugar a suppor-se algum desembarque em seguida á tomada do galeão.

Achando-se a villa inteiramente indefesa, recorreram os habitantes á protecção de Nossa Senhora do Rosario; e, ou fosse acaso ou o dedo de Deos, o que é verdadeiro é que até então tendo estado o dia sereno e calmoso, principiou a formar no seu horisonte uma pequena trovoada, que, impellida pelos furacões de sudoeste, tomou proporções gigantescas taes, que nem tempo deu ao pirata de evitarem-a

Impellido por desenfreado vento e correnteza da maré de vazante, garrou e foi bater sobre as pontas de uns cachopos, os quaes fazendo um rombo no costado do navio, o fizeram immediatamente submergir-se.

Por occasião das desintelligencias havidas entre

os gabinetes de Madrid e Lisboa ácerca da questão de limites em as suas respectivas possessões na America do Sul, deu-se o caso de rompimento de relações entre as duas côrtes.

A Hespanha, ordenando que em Cadiz se preparasse uma esquadra formidavel, confiou o seu commando a D. Pedro Cevallos, um dos seus mais distinctos generaes.

Partindo a esquadra com rumo ao Brasil no dia 2 de Fevereiro de 1772, aportou ás costas da ilha de Santa Catharina, e dispondo-se Cevallos para o combate, effectuou a tomada da mesma ilha sem ser preciso empregar outro meio além do desenvolvimento apparatoso de sua esquadra e gente de mar.

A guarnição da ilha e seus habitantes intimidados com o arreganho militar de Cevallos e com suas intimações, entregaram-a sem a menor resistencia, passando-se com tudo quanto puderam levar para o Continente ao tempo que o general hespanhol desembarcava a gente precisa para guarnecer a praça tomada.

Este acontecimento inesperado pôz em alarma toda a capitania de S. Paulo, cujo governador expedio á toda a pressa ordem para que se fortificassem todas as cidades e villas da marinha desde Iguape até S. Francisco para o fim de impedir

os planos de conquista de Cevallos, cujo intento era avançar para o Norte.

Por este motivo sahio Paranaguá da indolencia em que jazia ha tantos annos, e sem receio de errar póde-se affirmar que a energia desenvolvida superou a negligencia passada: da monotonia passou sem transicção ao ruido das armas, do socego á actividade, de toda aberta a uma praça de guerra.

Em torno da villa desde a ribanceira do Estaleiro até ao Campo Grande, seguindo sempre as margens do rio, levantaram-se intrincheiramentos de arvores grossas, entrelaçadas umas ás outras e cobertas de terra: estas trincheiras terminavam em dous portões pela parte exterior, os quaes davam sobre as bordas de um largo e profundo fosso.

Na ribanceira proxima ao barranco do Estaleiro, fronteiro com a Cutinga e á entrada do rio, levantou-se um fortim de pedra e cal, circumvallado de varios pannos de muralha, sobre cujas plataformas se assentaram 12 canhões e o mastro de bandeira. Hoje nem os alicerces deste fortim existem.

Fronteiro ao porto do Estaleiro cruzaram-se de um ao outro lado do Itibiré grossas amarras para impedir o ingresso ás embarcações inimigas, que tentassem subir.

No morro da fortaleza mandou-se montar mais

canhões; e na barra do Sul algumas roqueiras para dar o signal de rebate. Collocou-se outro canhão no Cubatão para fim analogo.

Para o desenvolvimento geral de todas essas fortificações gastou 2 annos toda a gente das ordenanças e tropas auxiliares, que estavam destacadas na cidade.

Creou-se um almoxarifado para a compra de mantimentos e fornecimento das tropas; esse almoxarifado tinha sua séde em Morretes, donde em pequenas canôas mandava diariamente os suprimentos necessarios, os quaes iam descarregar no collegio dos jesuitas, que servia de deposito geral.

II.

FUNDAÇÃO DA VILLA DE PARANAGUÁ E OUTRAS.

Teve lugar a fundação da villa de Nosssa Senhora do Rosario de Paranagua aos 29 de Julho de 1648 pelo foral á mesma concedido por El-Rei D. João IV.

Foi encarregado de sua creação o Dr. syndicante, Manoel Pereira Franco, então em correição em as villas ao sul da capitania de S. Vicente.

Procederam-se as primeiras eleições por provisão do dito doutor, em 26 de Dezembro do mesmo anno, prestando os eleitos, juizes ordinarios, officiaes da comarca e mais empregados o juramento do estylo.

O marquez de Cascaes nomeou por esta occasião para capitão-mór, seu louco-tenente e ouvidor, a Gabriel de Lara, que conjunctamente com Theodo-

ro de Ebanos Pereira, capitão das canôas de guerra foram os verdadeiros fundadores da villa, concedendo ao primeiro, como mais influente e poderoso, permissão para passar cartas de sesmarias, datas de terrenos etc.

Este Gabriel de Lara foi o primeiro que se lembrou de dar regulamento para a boa repartição dos lotes de terras mineraes e lavradias.

Convem notar que sendo o pelourinho inaugurado em 1640 por ordem do governador do Rio de Janeiro, Duarte Corrêa Vasqueanes, se passassem oito annos para proceder as eleições de juizes ordinarios e vereadores que só em 1649 principiaram a funccionar, não obstante ter tido lugar as eleições em 26 deDezembro de 1648, como se deduz do provimento do Dr. Raphael Pires Pardinho.

Pardinho

E' provavel que este interregno de cerca de 9 annos, que se nota, fosse devido a espera da confirmação do foral por El-Rei; por quanto estendendo-se a esphera da autoridade dos governadores somente á fundação de villas nos territorios da corôa, levantamento do pelourinho; esperava-se pois por esta confirmação para poder proceder á eleição e nomeação dos empregados.

A população de Paranaguá muito desenvolvida pela emigração dos moradores de Cananéa, Santos, S. Vicente e outros lugares maritimos e pelo

commercio, que alimentava com todas as povoações da costa, podia ser orçada, inclusive os indios domesticados, em 6,000 almas.

Sua primeira séde foi na ilha da Cutinga, donde a transferiram poucos annos depois para a margem esquerda do Itibiré.

E' provavel que originasse essa mudança o ser a Cutinga montanhosa, e á margem do rio estender-se uma grande planicie, cortada por alguns riachos, offerecendo alem disto o rio um fundeadouro muito abrigado e um asylo seguro contra os piratas, que frequentavam toda a costa.

A cidade dista da barra tres leguas, e tres quartos de legua da ponta mais saliente da ilha da Cutinga. Está pois a barra na latitude austral de 25° 31' 40" e na longitude de 326°, contados da ilha do Ferro.

No 1° de Fevereiro de 1654 verificou-se a divisão do municipio de Paranaguá, ficando o mesmo por esta fórma dividido de Cananéa, que lhe ficava a Nordeste pelo meio da praia, que fica entre as barras de Supraguy e do Ararapirá; levantando-se porém depois as villas de Nossa Senhora da Graça do Rio de S. Francisco e Nossa Senhora da Luz de Curitiba, ficou esta divisão prejudicada.

Raphael Pires Pardinho por provimento de 19 concebeu a nova divisão pela seguinte fórma: divisoria com Cananéa pelo meio da praia da costa do

mar grosso entre asb arras de Superaguy e Araraparirá, correndo o rumo de Sudoeste para Nordeste, passando pelo meio do mencionado termo até o sertão; com o termo de Nossa Senhora da Graça pela barra da Guaratuba, sendo a balisa dos dous termos a mesma barra; de sorte que tudo quanto ficasse ao Norte da barra e rio acima pertenceria a Paranaguá, e o que ficasse pela parte do Sul pertenceria a S. Francisco; com Curitiba limitava-se no pico da serra de Pernampiacaba, de modo que o que ficasse áquem da serra era de Paranaguá.

Com a creação da villa de Guaratuba em 1771 ficou Paranaguá prejudicada pela segunda vez em seus limites, que recuaram muito pelo lado do Sul até entestar com o riacho denominado — Olho de Agua — e a ilha do Curral.

Em 1697 soffreu outro golpe com a creação da villa de Antonina, ficando por então este termo limitado por aquelle lado com Ponta Grossa, rumo Norte Sul em linha recta até a Ilha do Teixeira, do Rio das Pedras até o pico das Serras do Prata.

Ultimamente com a divisão do 2º districto de Guarecksava, que teve lugar em 1833, deram-lhe por limite ao Norte a linha divisoria com Cananéa, ao Sul com o proprio districto de Paranaguá pelo canal da Barra Grande, e d'ahi até a Ponta Calva.

Guaratuba em 1844 tinha mais de dous mil e

setecentos habitantes, divididos em seis quarteirões. Tem de frente pelo lado do mar seis leguas, indo os seus fundos terminar nas alturas das grandes serras.

Paranaguá terá de extenção na frente da costa umas doze leguas, a rumo de Sul até a ilha do Canal inclusive as tres barras de Superaguy, Grande e do Sul; para o centro seis até Guarecksava e outras seis no proprio districto da cidade até a sua linha divisoria com Antonina.

Em 15 de Agosto de 1654 requereu Diogo de Braga, procurador da camara, a factura de uma cadêa, ao que ella annuio, adiantando um quartel dos seus vencimentos.

Por provisão de 5 de Abril de 1655 foi nomeado para primeiro vigario de Paranaguá o Padre Dionysio de Mello Cabral, o qual, tendo acabado o seu tempo de serviço, foi pela camara de novo engajado sob as seguintes condições: que se lhe daria um ordenado de 60$ annuaes, 24 alqueires de farinha e um pescador.

Em 25 de Dezembro teve lugar a creação das ordenanças, sendo nomeado para seu capitão, João Velloso de Miranda.

Em 13 de Abril de 1658 teve principio a edificação de uma fonte publica: esta obra só em Agosto ficou concluida.

Teve lugar em 20 de Março de 1677 a arrema-

tação da obra da casa da camara e cadêa, que se concluio em Outubro.

Em 1686 desenvolveu-se uma epidemia, que ficou conhecida pelo nome de—bicha—seus symptomas caracteriscos eram calor tepido, pulso natural, delirios, febre intensa, acabando sempre o enfermo seus dias por vomitar sangue. O tratamento empregado era cozimento de erva de bichô, com o que se conseguia expellir uma grande quantidade de vermes de côr escura, mas não salvar-se sempre o doente.

A creação da casa da fundição teve lugar em 2 de Outubro de 1655. Entre o meiado de 1700 e principios de 1701 teve principio a edificação da igreja de Nossa Senhora das Mercês, hoje S. Benedicto.

A edificação do convento dos jesuitas teve lugar em 14 de Agosto de 1704; a da igreja do Senhor Bom Jesus dos Perdões em 1711, a de Nossa Senhora da Conceição de Cananéa em 27 de Dezembro de 1710.

III

DESCRIPÇÃO TOPOGRAPHICA DAS MONTANHAS, SERRAS, COLINAS E OUTEIROS, COMPREHENDIDOS NA BACIA DA BAHIA DE PARANAGUÁ ATÉ A VILLA DE CANANÉA.

A bahia de Paranaguá é circumferenciada pelas altas montanhas, Pernampiacaba, que separam o centro da marinha. Esta cordilheira tem diversos nomes em certos e determinados lugares.

Aos seus mais altanosos picos, que servem de guia ao navegante, deram-lhes os nomes de Serra do Prata, do Guarumby, Mai-Catira, Graciosa e Ariraia.

Todas estas serras são ramificações da grande cordilheira de Pernampiacaba.

Daquellas primeiras cordilheiras a natureza formou segunda ordem de montanhas, um pouco mais baixas, de configuração variada e que lhe serve como de base.

Desta base nascem diversas colinas e outeiros ligados uns aos outros, seguindo sempre a mesma direcção até terraplenar o terreno ; estes terraplenos mais estreitos ou mais amplos formam bellas varseas e excelentes planicies, que vão sensivelmente baixando até ás margens dos rios, que de colina em colina vão serpeando até desaguar na bahia.

A cordilheira do Prata é a primeira que se avista do mar em consequencia de estar collocada em posição muito avantajada ; fica tão proxima da barra do Sul, que lhe demora pelo lado direito da bahia, que por ahi encetaremos a descripção dellas.

As varseas existentes, medindo 5 leguas de comprimento, ficam comprehendidas entre a serra, o oceano e margem da bahia.

Da mesma serra principia a sequencia das grandes cordilheiras, que param nos rumos de Sul a Oeste, as quaes descrevem uma grande curvatura, que mede 12 leguas e vai ter a outra grande serra, chamada do Guarumby.

No espaço comprehendido entre uma e outra nascem para mais de 30 rios caudalosos e muitos outros inferiores, que vão desembocar na bahia.

Da serra do Guarumby a distancia de 3 1/2 leguas curva-se a cordilheira até tocar a da—Mai-Catira : a partir dahi vem descendo uma ramificação de montanhas menores, encadeadas umas ás

outras ; é nessa ramificação que nascem o Cubatão e outros rios menos volumosos, que lhe servem de tributarios.

Os municipios de Antonina e Morretes são geralmente montanhosos: o ultimo se compõe de duas ordens de colinas ou outeiros, no centro delles é que está a villa.

Estes morretes principiam no circulo exterior do campo fronteiro á mesma villa, a rumo de Leste para Nordeste, indo engrossar a cadêa dos denominados—Capituva, Canguiry, Boa-Vista, Páo-d'Oleo, do Bicho, Guapearussu, S. João e Frades.

O segundo circulo dos morretes interiores, que ficam collocados em torno da villa, origina-se da cordilheira da—Carreira—no ribeirão—Retiro—do Porto de Cima, segue pelo morro do Paço, e Itupava, onde volta para Sul pelos morros do Bom-Jardim, Boa-Vista, Fragozo, Brumudo e Cravinho até os morros grandes—Agudo, Sacuda, Páo-ôco e Serra Velha.

Seguindo della ao morro das Cruzes, do Mico, Inferno, Bacias, Ribeirão dos Padres, Palmitar-Grande, e Pequeno, Piranga, Santa Anna, Perdizes e os da barra da Conceição, vão terminar estas montanhas nas do Anhaia, ficando com ella descripto o circulo da villa dos Morretes.

Deste municipio descem outras grandes ramificações, oriundas da grande cordilheira da Graciosa

e Chapéo de Sol, caminho feito para a marinha pelas planicies e cabeceiras do rio S. João, dividindo-se neste ponto em dous ramos : um para a direita que preenche os terrenos, que ficam entre o Cubatão, Itapetenduba e S. João, desde Morretes até Barreiros ; outro para a esquerda, que enche o vacuo intermediario ás margens daquelle rio, continúa pela costeira até o isthmo dos Pinheiros circulando por esta fórma a cidade de Antonina e costeira do rio Cachoeira.

As grandes vasias, que occupam os intermedios da costeira do registro, bahia de Antonina até o Morro-Grande, na Cachoeira, ficam intalladas pela sequencia de altanosas colinas.

Na distancia de tres leguas, alinhamento tomado do pincarc das grandes serras da primeira ramificação, desce uma segunda série de montanhas compactas, por espaço de quatro leguas, em direcção á bahia de Antonina ; a esta cordilheira é que chamam—Morro-Grande—.

Deste ponto a rumo de Norte descreve a grande cordilheira uma curvatura de quatro leguas, findas as quaes nasce uma terceira ramificação, que se prolonga por tres leguas na direcção da bahia.

Esta ramificação, apenas interrompida, prolonga-se por mais tres leguas em fórma de triangulo agudo, terminando nas serras dos rios Itaqui,

Tagassaba, Borrachudo e Serra Negra, apresentando uma grande obra, que se prolonga ao Morro Grande até Ponta Grossa, em cujo espaço desaguam o rio Cachoeira e outros menores.

Entre a segunda e terceira ramificação, das que descem para a marinha, nascem todos os rios desde o de S. João até o Mundo-Novo; neste enorme circulo se acham os do Picão, Secco, Curitiba-aiba, Cacutu e Meio.

Do Morro-Grande partem outras ramificações de colinas, que circulam a bahia até Ponta Grossa debaixo do cognome de Feiticeiras e seguem pela costeira de Pessaguera, Ponta do Pasto e termina nos altos morros do Utinga, Bôa-Vista, Almas, Tremornó, que fecham a bahia das Larangeiras.

Pelo meio desta ramificação, que vai ter á Serra Negra da cordilheira geral, ha uma vastissima planicie, denominada da Janellinha.

As grandes montanhas das Cadêas e Serra Negra se estendem por espaço de seis leguas; nellas teem origem outra ramificação, que converge para a bahia de Guarecksava, medindo quatro leguas de comprimento, no termo das quaes divide-se ella em duas partes, apresentando a fórma de uma forquilha, sendo a primeira perna do comprimento uma legua e a segunda, que caminha na direcção de Noroeste, apresenta maior extenção.

No espaço comprehendido entre uma e outra

desaguam na bahia das Larangeiras, que fica a meio, os rios Borrachudo, Serra Negra, Tagassaba, Guarecksava e infinitos outros inferiores até chegar ao Varadouro.

Destas montanhas da Serra Negra continuam a rumo de Nordeste e Norte outras muitas ramificações, que circumdam as cabeceiras dos rios Varadouro, Itapitangui até a bahia de Ariraia, que fica no municipio de Cananêa, sendo difficultoso em demazia qualifica-las particularmente em consequencia de ser a conformação do terreno muitissimo montanhosa.

IV.

DESCRIPÇÃO HYDROGRAPHICA DAS BAHIAS DE PARANAGUÁ E DOS RIOS, QUE NELLAS DESAGUAM.

As tres barras de Paranaguá, que dão entrada para suas excellentes bahias, são formadas por duas ilhas de desigual grandeza, denominadas do Mel e das Peças.

A barra de Ibupetuba, vulgarmente conhecida pelo nome da barra do Sul, fica entre o pontal do Sul e a ilha do Mel.

A barra grande, fica entre a ponta septentrional da ilha do Mel e a meridional da ilha das Peças.

A barra de Superaguy está entre a ponta septentrional da ilha das Peças e a praia do Superaguy.

A barra grande está pois na latitude austral de 25° 31' 30" e na longitude de 329° e 36'. Tem 500 braças de largura na parte mais estreita e dous

canaes para sahida e entrada dos navios; um fica pelo lado do Norte e é menos frequentado, e outro pelo do Leste que é o trilhado por navios até a lotação de fragatas de linha.

Este canal tem na sua foz um banco de arêa, que fica quasi todo pelo lado do oceano e divide em outros dous, ficando um para Leste e outro para Sueste; este com maior profundidade que aquelle; e se a uma legua ao mar da barra apenas se sondam tres e meia braças de fundo, encostando-se a terra encontra-se de quatro a oito.

O canal do Norte tem um ilhote chamado das Palmas, ligado a um parcel, que corre a rumo de Les-sueste cousa de uma legua.

Ao Sul das Palmas está a ilha do Mel, verificando-se haver no canal, que intermedeia as duas ilhas, nove braças, e mais para dentro, doze de fundo.

As outras duas barras não têm capacidade para dar ingresso a embarcações maiores de hiates, por isso que o seu fundo é de duas braças apenas.

A meia legua pouco mais ou menos da barra grande fica a do Sul, por onde já se tem dado o caso de entrarem brigues-barcas; comtudo sendo prounda é sua entrada perigosa em consequencia de duas pequenas ilhotas de pedra, que, estreitando o canal, muda-lhe o rumo, tornando-o curvo na direcção da ilha do Canal.

A duas leguas da barra Grande fica a de Superaguy, cujo canal é pouco profundo e irriçado de bancos de arêa; quando muito dá ingresso a grandes canôas de voga; porque estes bancos prolongam-se em zig-zag na distancia de legua pelo mar dentro. Tem-se dado, porém, que alguns patachos tocados pela borrasca o tem atravessado a salvamento.

A barra do Ararapira dista sete leguas ao Nordeste de Superaguay; sua entrada está tapada por um grande banco de arêa, sobre o qual arrebenta o mar com horrivel estrondo

A ilha das Peças, cujo nome demonstra que antigamente nella houve alguma fortificação pela parte, que fica do lado do canal da barra por onde entrou em 1718 um pirata francez, é muito povoada e cultivada; e não obstante seus moradores se entregarem á pesca e salga do peixe, que abunda naquellas paragens, vê-se muitos arrozaes, mandiocaes etc.

Tem de comprimento pelo lado do oceano duas leguas e outro tanto de largura; é regada pelos riachos das Larangeiras, Guanandituba, Pescadas, Peças e outros inferiores.

A ilha do Mel é montanhosa pelo lado do oceano e baixa pelo lado de terra; mede duas leguas de comprimento sobre uma de largura. E' fertilissima para as plantações de mandiocas e varios legumes;

hoje sua cultura está morta em consequencia da enorme quantidade de formigas, que tudo destróe.

Nella correm os riachos Secco, Perique, Cedro, Hospital e outros menores: suas aguas são vermelhas e de pessimo gosto; attribue-se geralmente este incidente ao desfolhamento dos mangues, que bordam as margens de todos elles.

Na falda de um morro, que fica na ponta septentrional e que está fronteiro ao canal, está edificada a fortaleza, que foi feita sob os auspicios do governador da capitania, o morgado de Matheus, D. Luiz Antonio de Souza Botelho e por direcção de seu ajudante de ordens e irmão, Affonso Botelho, que estava então em Paranaguá na qualidade de seu governador militar. Esta fortaleza é toda de cantaria, está em uma posição estrategica invejavel e tem uma excellente fonte de agua potavel dentro de seu recinto.

Do pontal da barra do Sul, cerca de 6 leguas pela costa do mar existe uma bellissima praia, que vai terminar no municipio de Guaratuba. Por toda a sua extenção vê-se muitas habitações, estabelecimentos de agricultura, de criação e de transportes maritimos e terrestres para conducção dos viandantes, que transitam por aquellas bandas.

Ficando por semelhante fórma sem a menor omissão descripto o painel exterior, que ao observador apresenta pelo lado do mar o districto de

Paranaguá, desde a barra da Guaratuba até a de Ararapira. Passaremos a fazer outro tanto pela parte interna com referencia ás suas bahias.

A bahia Grande mede de comprimento de Léste a Oeste de 6 1/2 a 7 leguas, e para melhor de 3 de largura; sua fórma é irregular e cheia de recantos.

A parte mais septentrional é a bahia dos Pinheiros, a mais central a das Larangeiras, e a mais occidental a de Antonina, formando uma só ao primeiro golpe de vista e tres a simples e descuidosa observação.

Neste grande golpho existem para mais de 30 ilhas e ilhotas; algumas contendo mais de duas leguas de comprimento, outras menores, porém todas revestidas de excellentes florestas.

Neste immenso e imperfeito circulo, que constitue a bahia de Paranaguá, desaguam mais de 80 rios grandes e alguns até caudalosos, pela maior parte navegaveis na distancia de 8 a 10 leguas.

Principiaremos pelo pontal do Sul e irémos seguindo até a cidade de Paranaguá. As margens desta costeira são cobertas de mangaes e levam o rumo de Oeste na extenção de 4 leguas; o terreno

é plano, em alguns lugares levemente accidentado.

Esta planicie medirá de 5 a 6 leguas de extenção; nesta parte da costeira desaguam diversos rios, cujas origens estão na cordilheira do Prata. A estes rios chamam Perique-mirim, Penedo, Uva-mirim, Boquassu, Rio-Pequeno, Almeidas, Corrêas, Itibîré, que passa pela frente da cidade, Macieis, Tolentino, Gorguassú; todos navegaveis em uma extenção de 5 leguas, com excepção do ultimo, que o é entre 10 e 12, bastante profundo e tortuoso, permittindo que bergantins e sumacas se approximem até o sopé da serra do Prata para carregar.

Fronteira a esta costeira da barra do Sul até a cidade, seguindo o rumo de Leste para Oeste ha apenas uma ilhota, chamada dos Papagaios e mais duas outras maiores—Rasa e Cutinga.

A ilha Rasa, como o inculca seu nome, é plana, baixa e mede legua e meia de comprimento: é pouco productiva, alagavel e charcosa.

A da Cutinga unida á Rasa e só della separada por um riacho, é montanhosa e fertil, produz tudo muito bem; com especialidade a cana, o café, a mandioca, o algodão e dispõe, finalmente, de excellentes pastos. Nella aportaram, como já fica dito, os primeiros povoadores, vindos da Cananéa; nella se fizeram os primeiros estabelecimentos

tem um ribeirão de magnifica agua, que desce do seu pico mais altanoso: as embarcações preferem-a para refazer seus tanques de aguada.

Esta ilha faz parte do terreno pertencente ao rocio da cidade: antigamente teve uma capella sob a invocação de Nossa Senhora das Mercês, a qual foi edificada em 1677 e demolida em 1699. Em uma de suas enseadas naufragou em 1718 um corsario francez e encalhou o vapor brasileiro *Salvador* em 1839. Possue um bom fundeadouro, conhecido pelo nome de—Porto de Nossa Senhora, o qual fica fronteiro á actual cidade. Mede duas leguas de comprimento sobre uma milha de largo.

Por entre estas ilhas e a costeira da barra do Sul ha um canal profundo e limpo por onde commummente sahem as embarcações, que entram pela barra Grande por ser a navegação facil, ter sempre vento a feição e não ter de superar os recifes da ilha da Cutinga.

Do rio Itibiré até o rio das Pedras, que serve de diviza ao municipio de Paranaguá segue a mesma costeira, acompanhando as tortuosidades da margem esquerda da bahia.

Sahindo do Itibiré por um pequeno canal chamado — Furado — que da Cutinga segue o rumo de Oeste até Antonina, principia a denominada costeira do Rocio; denomina-se assim por

pertencerem todos estes terrenos até o rio Embuguassú ao patrimonio da camara.

Nesta costeira, coberta da mangues, apparece uma capellinha da invocação de Nossa Senhora do Rosario do Rocio, onde todos os annos por occasião da festa ha uma grande concorrencia de cavalleiros; d'ahi a denominação de festa da cavallaria. Em frente desta capellinha tem a bahia mais de uma legua de largura e apresenta um painel pittoresco e aprasivel aos olhos.

Para diante da barra do Embuguassú e a grande distancia della, porém na mesma costeira, observam-se os rios Bocahi, Ribeirão do Tabantiguera, do Foral e das Pedras, este serve de divisa ao municipio por este lado da bahia.

Fronteira a este espaço da costa e distante da ilha da Cutinga tres leguas, está a do Teixeira, que é outra divisa do municipio: neste espaço ha varias ilhas e ilhotas, que ennobrecem o painel, sendo as mais qualificadas as do Jerêrê, do Lamin, do Guararema e Teixeiras, que é a maior, sendo todas de uma fertilidade prodigiosa. As plantações mais notaveis consistem na cana, milho, mandioca, feijão e uvas.

Do rio das Pedras continúa a descripção circular da costeira da bahia até a foz do Cubatão que pertencem ao districto de Antonina, desde a creação desta villa em 1797. Esta margem é como as ou-

tras coberta de mangues; contem grandes rios, que nascem da serra de Pernampiacaba, entre as do Prata e Guarumbi.

Para diante do rio das Pedras, rumo de Oes-sudoeste para Oeste correm os rios Jacarehy, Saquarema-ussu, Ilheos do Sagrado, Sambaqueguassu, Guanemdi e outros mais inferiores, que são tributarios destes, assim como elles o são do oceano.

O grande rio Cubatão tem suas nascentes proximas da serra da Mai-Catira, nelle desaguam os rios Itupava, Itapetanduba pela margem esquerda e pela direita os rios Cary, Murumbi, Pinto e os ribeirões da Ponta Alta e dos Morretes.

A celebridade do Cubatão data de remota antiguidade por ser o caminho por onde desciam e descem ainda hoje do interior para a marinha todos os generos alimenticios.

Em 1721 estabeleceu-se um contrato de transportes para conducção de generos e pessoas, que foi arrematado por 48$000 na junta da real fazenda pelo capitão Francisco Rangel.

Pela margem esquerda do rio está a villa dos Morretes, cuja creação teve lugar em 5 de Julho de 1841 por autorisação da lei provincial n. 16 de 1 de Março, bastante importante por ser a séde do commercio da erva mate.

Occupar nos-hemos agora com a descripção da

bahia do Cubatão, desde a foz deste rio até o de S. João, e dahi seguindo o curso do grande canal, que fórma a bahia pela margem opposta e rumo do Oeste, seguiremos toda a costeira até o isthmo dos Pinheiros, que fica fronteiro á ilha dos Teixeiras.

Logo adiante da foz do Cubatão, o rio de S. João (antigamente do Inferno) navegavel até pequena distancia, tem sua origem entre as serras da Mãi-Catira e Graciosa; nas suas margens vêm-se alguns estabelecimentos de agricultura, alguns engenhos de moer canna, grandes mandiocaes; na margem direita, porém, apenas se observa os vestigios de um antigo estaleiro, que pertenceu ao finado capitão Manoel José Alves.

Nas margens dos rios adjacentes abundam finissimas madeiras de lei; o terreno é montanhoso e cortado por muitos riachos, nas immediações dos quaes vêm-se alguns estabelecimentos agricolas bem montados; nas margens do mesmo e mais para adiante em um lugar onde antigamente se construia lanchas, existe o denominado lugar do registro, onde houve um canhão, para dar signal de rebate no caso de invasão de algum pirata.

Os principaes agricultores desta parte da costeira são: o sargento-mór, Bazilio José Machado, já fallecido, com engenhoca de canna e mandioca, Jacintho Xavier Neves com engenhoca de canna e

olaria; o sargento-mór Francisco dos Santos Pinheiro com engenho de socar arroz; João Antonio de Mello com engenhoca de canna, e finalmente a grande fazenda dos Pinheiros com engenhos de mandioca e pillar arroz movidos por agua e um alambique para distillação de aguardente, pertencentes aos herdeiros do finado tenente-coronel Francisco Gonçalves Cordeiro.

Da ponta dos Pinheiros entre as bahias de Antonina e a costeira, que segue para aquella villa, abundam os estabelecimentos de engenhocas de aguardente, rapadura, mandioca e arroz.

A villa de Antonina fica á margem da bahia do mesmo nome e está edificada em uma estreita planicie, que fica entre as serras, que lhe passam pelas costas e o mar, que lhe fica pela frente. O lugar é aprazivel e variavel o painel, que offerece ao observador; a sua matriz está edificada sobre um outeiro, e é da invocação de Nossa Senhora do Pillar: sua construcção data de 1714.

Adiante desta villa continúa a costeira coberta de mangáes até circular o outro braço, que forma a parte da bahia pelos rumos de Norte e Noroeste até chegar ao volumoso rio da Cachoeira.

Todos os rios, que nella desaguam, têm sua origem nas serras de Pernambiacaba para álem da Graciosa até o serrão denominado do Chapéo de Sol. Estes rios são: Picão, Secco, Curitiba-aiba,

Cacatu, Do Meio, Mundo Novo, Cachoeira, o maior e mais caudaloso de todos elles. Continuam a apparecer mais proximos uns dos outros os estabelecimentos agricolas.

O rio Cachoeira é navegavel por espaço de muitas leguas, o que não admira, visto como elle em todo o seu curso recebe em suas aguas as dos seus tributarios, S. Caetano, Mergulhão, Turvo, Caprieva e infinitos outros inferiores. A origem do seu nome vem de uma grande catadupa, cujas aguas despenham-se em lençóes de uma altura prodigiosa.

Deste rio principia a margem esquerda da bahia, que circula a Ponta-Grossa e do Pasto, bahia das Larangeiras e dos Pinheiros e vai finalizar na ilha das Peças á entrada da barra.

Principiando, pois, no rio Cachoeira segue a costeira até o rio Frasqueira, pelo qual navegam embarcações para carregarem cal, madeira e arroz.

Suas margens são bastante populadas de agricultores; sobre ellas precipitam-se os rios Cedro, Jundiaguara, Caraceiara e alguns outros de menor importancia.

Do Faisqueira nasce um braço lateral e paralello á costeira do Continente, dividindo-a em uma grande ilha denominada do Albano, onde ha uma laria, e mais uma ilhota chamada do Arassamba.

suas margens estão enriquecidas com excellentes estabelecimentos agricolas.

Da barra do rio de Santos até a Ponta-Grossa, ha um rio lateral, o Guatinga, que vai marginando a costeira e divide-a em uma comprida ilha denominada Uramiranga ou Guamiranga.

Finalmente a fôz do braço do Guatinga vai terminar na bahia proxima á Ponta-Grossa, onde terminam igualmente os limites de Paranaguá.

Resta descrever as ilhas e ilhotas, que estão semeadas pela bahia; são ellas a das Palmas, proxima á ponta dos Pinheiros, Itapema proxima da costeira deste nome e álem da ponta dos Pinheiros, caminho de Antonina, as do Albano, Uvamiranga e Biguá, proximas da costeira opposta: a primeira é na fóz do Faisqueira; e a outra na costeira da Guatinga; a do Gonçalo, que fica na fóz dos rios Cachoeira e Faisqueira e separadas da terra firme por um braço deste rio; a do Barbosa, onde ha uma olaria e cafesaes, fica proxima da costeira dos mangáes, entre os rios Mundo Novo e Cachoeira, do qual é dividida por outro braço deste rio.

No meio da bahia daquelle lado estão as grandes ilhas denominadas do Curisco e da Bertioga.

Nesta mesma bahia ha bons fundeadouros tanto no porto da villa como em diversos outros lugares,

que podem accommodar cem vasos de linha; fica ella comprehendida pela parte de dentro, entre as pontas do Itapema e a Grossa.

Tem alli seguimento a costeira do lado esquerdo da bahia, que já é pertencente ao municipio de Paranaguá e que a contorna desde a Ponta-Grossa até a do Pasto.

Principiando pela primeira, vê-se logo o rio Nacar na entrada de sua fóz, que é arêenta e baixa, mas, para dentro, funda e escabrosa. Ha ahi dous engenhos de soque de arroz pertencentes, um a Manoel Antonio Guimarães e o outro a Manoel Liberato de Miranda; segue-se logo uma praia, que foi propriedade de Angelo Machado, mais para diante a engenhoca de fazer aguardente de sua propriedade; depois vem o rio Tabaqueira e a engenhoca movida por agua para moer canna, mandioca, e pillar arroz, de propriedade do capitão Felippe Tavares de Miranda, cuja vivenda é uma excellente e vistosa casa assobradada.

Proxima a esta fazenda está a de Angelo Machado com fabrica de pillar arroz e bem assim a do fallecido capitão João Chrysostomo Salgado Bueno pela qual passam os rios Cannavieiros, e mais adiante fica a ponta da costeira chamada Taussuba, que é formada por um grande penhasco.

Proseguindo encontra-se o rio Boqueriuma e nhos de aguardente de Manoel Tavares e

outros; segue-se o rio Tinga e proximo a elle um grande campo de criação para mais de cem rezes, pertencente a Florencio José Munhós.

Seguindo o Itingussú, que é muito populado e em cujas margens antigamente D. Anna Cordeiro tinha um engenho de pillar arroz e fazer farinha, chega-se á costeira do Baquera, quasi em linha recta com o rio do mesmo nome e o das Ostras.

Para diante segue o Riozinho, onde o finado Pedro Gomes Sobral fez outr'ora uma engenhoca de aguardente e assucar, movida por agua; para álem desta fazendola é muito populada toda a costeira e cultivada por seus moradores.

Segue-se uma grande plataforma, onde foi edificado o estabelecimento de Maria Luiza de Jesus e logo o rio das Ostras.

A costeira do Pessaguira, o sacco de Tambarutuca e finalmente a Ponta do Pasto constituem os principios dos limites do segundo com o primeiro districto da cidade.

Esta costeira é formada por penhascos e grande quantidade de pedrões; sobre o seu cimo existe uma grande cruz de madeira, que serve de aviso para afastar o navegante do perigo do naufragio.

Deste lugar, em distancia de meia legua, ha a linda praia de Itaquaressetuba ou Thagassetuba habitada por mais de 50 fogos.

O que de mais notavel se vê ahi é uma grande

olaria de propriedade do tenente-coronel Manoel Francisco Corrêa.

Uma legua adiante está situado o rio Medeiros, no qual desagua o Retiro e outros menos volumosos; é navegavel cerca de 4 leguas; suas margens são bastante populadas e cultivadas; os mandiocaes, arrozaes e milharaes são elementos comesinhos. Este quinto quarteirão tinha em 1810 80 fogos e 368 almas.

Em distancia de mais de uma legua está o morro das Almas ou Ponta Calva; todo de pedra lisa e escalvado: deste ponto segue a costeira cerca de meia legua até o grande rio Itaqui. Neste espaço está a fabrica de aguardente de Francisco de Paula Ribeiro.

No Itaqui desembocam pela margem direita o Itaquiziuho e pela esquerda o Buguassu, o Xiberé e outros de menor volume.

Nas suas margens e na ilha Rasa em 1840 haviam 77 fogos e 470 almas; ha uma grande engenhoca movida por agua para preparar aguardente, pillar arroz, com boa escravatura, da propriedade do tenente-coronel Manoel Francisco Corrêa e Bento Gonçalves do Nascimento. Partindo dahi com rumo de Norte chega-se ao rio de Canguiri, ao qual succede o de Taguanduba, cujo leito é engrossado por tributarios de menor volume: são ambos navegaveis por espaço de 6 leguas.

Fronteira a esta costeira, desde o rio Medeiros até o Taguanduba, e a pouca distancia della, mais a meio quasi da bahia, está a ilha Rasa Grande, bastante povoada. Sua população com a de Itaqui, que pertence tambem ao quarto districto, está orçada em 700 habitantes.

Nella foi em 1839 edificada á custa do proprietario João Alves Cordeiro uma capella da invocação do Senhor do Bom Jesus: esta ilha tem 2 leguas de comprimento.

Entre esta costeira e proximo ao rio Taguanduba está a ilha do Bonito, propriedade de Manoel Ricardo Carneiro, a qual dista da Rasa 2 leguas; é montanhosa e terá 1/2 legua de comprimento sobre 1/4 de largura; é abundante de mariscos e peixes, dispõe de um excellente surgidouro e é centro de operações de todos os navios, que se destinam ao commercio de madeira.

Ao lado da Rasa para o meio da bahia está a ilha das Gamellas, dividida por um braço de rio da de Urubuquara: mais álem e igualmente no meio da bahia está a das Ostras, que confronta com o morro da Boa Vista, e que terão uma legua de comprimento sobre outro tanto de largura.

Em frente a Ponta do Pasto está a ilha das Cobras, a qual é abundante de excellente cantaria. Seguem-se a ella os ilhotes de Itupequeira.

Tornando á parte da costeira em que está a foz do

Taguanduva, até a entrada do Rio Borrachudo, vê-se o morro da Boa Vista, assim chamado pela formosa vista, que offerece ao observador onde está collocado o estabelecimento do capitão-mór Manoel Antonio Pereira.

As margens do Borrachudo são em geral muito populadas; suas aguas favorecem a navegação por um espaço de 4 leguas. São seus tributarios o Tabaquava, Tetiqueira e outros inferiores.

Ao Tetiqueira segue o Tagassaba, que é navegavel por mais de 10 leguas e tem por tributarios o Capivara, Rio Fundo, Tagassaba-Grande, Potinga, Caheté, Assemguyzinho e o Embaúba: suas margens são muito habitadas e seus habitadores dados á cultura da canna, milho, arroz. feijão. De mais notavel só se encontra a engenhoca de preparar aguardente, de propriedade de Balduino Cordeiro de Miranda.

O grande rio da Serra-Negra é o que se segue aos precedentes ; tem por tributarios diversos outros taes como Ribeirão das Antas, o Assemguy, Pederneiras, Guamiranga, Pananá e Serey; cêrca de 600 habitantes povoam suas margens. A unica propriedade agricola, que se observa, é a do capitão Bento José da Cruz.

A costeira chamada dos — Moleques — além do rio da Serra Negra, vai circumdando a bahia até o rio Sahira, e dahi até o pico do Tremomó.

Esta montanha é de uma altura extraordinaria, toda de pedra, representa um cône, do cimo do qual jorram diversas torrentes da mais crystalina agua.

Pelo seu lado direito fica uma varzea coberta de mangues, que fórma uma especie de istlmo, separado por um braço do mar, na distancia de 1 1/2 legua, existindo por semelhante fórma separada aquella montanha da pittoresca bahia de Guareksava.

Adiante do morro do Tremomó ha um furado e um rio, que separa da costeira a ilha do Pavuçá, que é abundantissima de agua.

Marginando a costeira do rio Pavuçá encontram-se os rios Pirassinunga, Palmeiras, Canôas e finalmente o grande Guareksava, que tem por tributarios o Costa, o Cedro, o Morato e Tinguá.

Proximo á sua foz e por sobre um combro, foi em 1838 edificada uma capella, sob a invocação do Senhor Bom Jesus, por conta de Cypriano Custodio de Araujo, José Fernandes Corrêa e outros.

Esta capella foi benta em 15 de Junho de 1839, e ao presente é a matriz do districto de Guareksava: a seu lado está o cemiterio, que está em proporção ao numero de habitantes.

Nas margens deste grande rio ha um estabelecimento pertencente a Vidal da Silva Pereira, o

qual contém em seu ambito um engenho de pilar arroz: a este segue-se outro pertencente a Cypriano Custodio de Araujo, com fabrica de aguardente e excellente plantação de café.

Este é o 1º quarteirão do 2º districto, que conta 550 almas.

A ilha do Pavuçá é de tamanho regular e antigamente contava em seu sólo uma capellinha, sob a invocação do Senhor Bom Jesus do Pavuçá, muito venerada, a sua festividade, era muito concorrida.

Principiando a descripção circular do resto da Bahia pela fóz do rio da Serra Negra, onde nascem os rios Cirquinho, Circo-Grande e Poruquára, que é o maior e mais profundo, e tão profundo e largo que outr'ora tinha em suas margens um magnifico estaleiro, onde se construiam navios grandes. O Poruquára é sómente navegavel em uma zona de 10 leguas: seguindo da fóz do mesmo até o Varadouro pelo lado esquerdo da costeira, encontram-se os rios Branco, dos Patos, Pacas, Sebuy-mirim e outros mais insignificantes.

Pela margem direita desaguam os do Segredo, Rio Real, Mai Luiza e Superaguy, cuja costeira, limitando com o oceano, dá ingresso ao mesmo pela sua barra.

Entre a barra e a ilha das Peças acham-se os rios da Praça, das Pescadas, das Peças e outros

mais insignificantes, que desaguam em volta da mesma.

Aqui termina a descripção geral circular do interior das bahias na abra, que faz o canal da barra grande até os fins do segundo districto.

—

V.

AGRICULTURA DO MUNICIPIO DE PARANAGUÁ NAS MARGENS DE SEUS RIOS. FERTILIDADE VEGETATIVA DO SEU SOLO.

As margens das bahias de Paranaguá, situadas a rumo de Leste para Sul, ou em outros termos, desde as ilhas do Mel, Rasa, Cutinga, toda a costeira a principiar da barra do Sul, rios Gurguassú, Corrêas, Macieis, Almeidas, Itibiré, Embuguassú, inclusive o rio das Pedras, são terrenos baixos, arêentos e só proprios para plantação da mandioca, do inhame, da batata, arroz, parreiras e seus semelhantes, que nellas prosperam de uma maneira admiravel.

As margens situadas no bahia a rumo de Oeste para Nordeste compoem-se de terrenos barrentos, massape ou terra preta, em geral de terras gordurosas e cobertas de uma camada espessa de humos

e limbo, que sobre ellas depositam as enchentes dos rios: são muito azadas para a cultura da canna, do milho, arroz, café, feijão, fumo, mamona, e chá.

No rio Sagrado, do municipio de Morretes, a uberdade chega a tal ponto que um alqueire de milho produz 120; a canna de Cayenna attinge ao comprimento de 16 palmos com uma grossura proporcionada; espremida dá mais de 2 1/2 medidas de calda; a filiação deste vegetal é tão prodigiosa, que uma ponta produz uma touceira com mais de 35 olhos de igual tamanho e grossura ao da semente.

As bananas vegetam espontaneamente; nota-se a denominada pacova do Maranhão, cujo cacho só póde ser carregado por dous homens e peza tres arrobas contando cada penca de 40 a 50 bananas.

O feijão regula a sua producção na razão de 1 para 100 alqueires; o terreno, que o produz melhor, é o das margens do Sagrado, Cubatão e S. João. Em todas as ilhas da bahia e com especialidade nas do Teixeira, Guaremã, e Jouré dá perfeitamente.

O arroz produz melhor nos terrenos alagadiços dos rios Sagrado, Barreiros e S. João, em todo o municipio de Antonina e costeira, desde a Ponta Grossa até Passagueira, nos banhados dos rios Medeiros, Itaqui, Tagassuba, Borrachudo, Serra Negra, Guareksava e finalmente toda a margem esquerda da bahia possue terrenos muito apropriados para semelhante genero de plantação.

No segundo districto abundam as fabricas de pillar arroz, fazer aguardente, farinha, serrar madeiras, preparar tijolos e telhas; todas ellas bem montadas quer pelo que respeita ao pessoal, quer pelo que toca ao material.

Da costeira do Passagueira á Ponta Grossa abundam as engenhocas de arroz, canna e mandioca.

O café produz optimamente nos terrenos barrentos e nos de arêa preta, taes como as que param a rumo de Susueste para Nordeste.

Esta planta tem um crescimento prodigioso, excede pela maior parte a altura e copa de uma grande larangeira; cada pé produz meia arroba de grãos.

Os terrenos arêentos têm sido exclusivamente occupados com o cultivo dos farinaceos de toda a qualidade, nacionaes ou estrangeiros; a batata ingleza toma nos terrenos cansados proporções enormes sem comtudo desmerecer sua qualidade. Os legumes desenvolvem-se nestes terrenos com profusão e luxuria.

Os vegetaes filhos dos tropicos produzem bem e dão fructos em abundancia; a differença, que se nota na laranja, por exemplo, é ter ella a casca mais delgada, o paladar, o tamanho e a côr, são a mesma cousa, que na Bahia, Pernambuco ou Maranhão.

Os pecegos, uvas e outras frutas semelhantes

dão-se melhor quer pelo que respeita ao seu desenvolvimento, quer pelo que toca á produção nos terrenos de arêa ou de massapé.

Estas duas especies carregam de uma maneira que causa pasmo; quasi que se podem contar as folhas pelos fructos.

A parreira ás vezes em uma pequena hastea de palmo apresenta 8 a 10 cachos de uvas perfeitas!..

As larangeiras, limeiras e seus semelhantes crescem uma altura de 18 pés e apresentam uma copa igual ao cubo de pés de seu comprimento.

As jaboticabeiras, goiabeiras, araçaseiros, ingazeiros, guaberobeiras, maracujaeiros, cajueiros e outras degenerações destas especies nascem espontaneamente nos capoeirões.

Assim que neste abençoado solo, um homem munido de um anzol para pescaria, que é muito abundante, uma canôa, uma palhoça para abrigar-se das intemperies do tempo e frutas silvestres para refeição, não necessita de trabalhar para viver; e se trabalha é para enriquecer.

O grande mal desta provincia provém da grande uberdade do seu solo, dos pescados de seus rios e finalmente da exportação da erva mate como opportunamente demosntraremos.

Se esta verdade inconcussa fôra uma mentira, a provincia do Paraná estaria muito mais adiantada e rica.

VI.

CLIMA E SALUBRIDADE DOS MUNICIPIOS DE PARANAGUÁ, MORRETES E ANTONINA.

O municipio e cidade de Paranaguá ficam comprehendidos na zôna temperada do polo antartico: é por essa razão que o thermometro da Franwik nos dias mais frios nunca desce de 54° nem nos de calor sóbe de 95°.

O local da cidade é bom; fica á margem esquerda do Itibiré; é cercado de mangaes ha muito pouco destruidos, tem alguns charcos e paúes.

As exhalações desses focos são putridas e perniciosas á salubridade publica; por este motivo no tempo dos grandes calores desenvolvem-se as intermittentes, os typhos, as constipações e tisicas.

A ilha da Cutinga ficando-lhe pela frente e sendo irriçada de altas montanhas tira-lhe toda a

viração, que só póde attingi-la pelos rebojos: esta deficiencia de ventilação concorre muito para que não seja saudavel a habitação na cidade e seus contornos em tempo de calor.

As enfermidades mais communs na primavera, que alli tem lugar de Outubro a Março, são as febres de todas as qualidades, dysenterias de sangue, hemorroides e paralysias: attribue-se geralmente os ataques hemorroidaes á alimentação em grande escala de mariscos e peixes de certa especie.

Na estação invernosa, isto é, de Junho a Agosto reinam as constipações os catarrhos pulmonares, as pneumonias agudas, a coqueluche, as inflamações do figado e baço, que são muito communs entre a gente da roça em consequencia de transitarem sempre pelos terrenos humidos, pelos pantanos, e levarem o uso do mate até á exageração de mascarem a todo o momento as folhas.

O municipio de Antonina é muito mais ventilado e por isso mesmo muito mais sadio; mas ainda assim nelle imperam igualmente as febres, as dysenterias e outras enfermidades proprias da quadra.

Morretes pela sua pessima localidade, todo cercado de cordilheira de montanhas, charcos e lagôas de agua estagnada, falta de ventilação, que

raras vezes alli chega, é ao contrario do que indica, muito mais sadio do que Paranaguá; seus habitantes são corados, robustos e sadios; as febres e os fluxos de ventre pouco se demoram alli; as paralysias são raras, os ataques hemorroidaes são fracos, comtudo são mais genericos os catarrhaes, as pneumomias e as tisicas, talvez devido isso á grande altura do terreno, á pouca distancia dos quaes gyram as nuvens.

As aguas são exellentes, abundantes e correntes.

VII.

RAPIDA NOTICIA SOBRE AS TRIBUS CARIJÓS, QUE OUTR'ORA POPULARAM OS CONTORNOS DAS BAHIAS DE PARANAGUÁ.

Levar a pretenção até marcar-se com precisão o numero de habitantes indigenas, que ha tres seculos popularam os contornos das bahias de Paranaguá, é impossivel.

Se alguns escriptores antigos em tempo se tivessem dado a este trabalho arido, facil seria a nossa tarefa; guardando, porém, todos elles o mais religioso silencio, como deveremos proceder para chegar ao conhecimento da verdade?

Nos parece que não andaremos muito errados, calculando essa população em 9 a 10,000 mil almas, se tomarmos para base de nossa proposição os lugares de suas habitações, a sua extensão, que era enorme, pois que abrangia todas as ilhas e ter-

renos marginaes das bahias, se attentarmos para altura e base das ostreiras que ainda hoje se vêm por todos os lugares indicados.

E' geralmente sabido que as tribus carijós desciam periodicamente em certos mezes do anno para refazerem do pescado preciso para alimenta-las até a mesma época da descida no anno seguinte.

Tambem não forma objecto de questão que ellas escolhiam por entre os mangues os terrenos mais elevados, onde plantavam suas tendas ; e dahi é que sahiam na vasante das marés para extrahir os mariscos.

Era prodigiosa a quantidade de ostras, berbigões, ameijoás e sururús de variadas especies, que colhiam: a essa opulenta colheita juntavam todo o peixe apanhado á rede para completa-la.

Nota-se, porem, sem esforço que sua predilecta inclinação manifestava-se pelas ostras, talvez que por necessitarem de menos trabalho e apparecerem com mais profusão.

De tudo isto ha ainda hoje abundantes provas para obviar toda e qualquer duvida.

Com estes mariscos alimentavam-se as tribus em quanto durava a pescaria, o resto, depois de muito seccos ao sol era levado em pilhas para as aldêas para continuação de seu fornecimento quasi annuo.

As conchas lançavam elles para um lado da cabana. Pela sua agglomeração formavam montes tão elevados e grossos, que ao presente causam admiração a quem, indo excavar um osteiro para plantar, encontra, a excepção de uma camada de dous pés de terra, tudo o mais cascas de mariscos.

Deste facto, aliás mui comesinho nesta provincia, nasceu o erro de alguns escriptores avançarem que a materia, de que se fazia a cal na America, era mineral.

Este phenomeno explica-se bem e naturalmente. A terra conduzida pelas chuvas e ventos encontrava aquelle tropeço em seu transito, adstringia-se a elle e formava pela sua continuação crostas tão expessas, que em alguns lugares supportavam a germinação de arvores enormes.

A humidade e o calor pelo volver dos tempos dissolveram as conchas, reduzindo-as a uma massa branca; esta massa, petrificando-se pouco a pouco com a acção do calorico, deu lugar á formação de pedreiras tão compactas e duras que para extracção é mister empregar-se o picão ou a alavanca.

Destas pedreiras ou ostreiras formadas pelas cascas dos mariscos comidos pelos indigenas se tem extrahido toda a cal necessaria para as edificações dessa capitania desde a sua fundação até

hoje, e continuará a fornece-la por tempo indefinito.

As mais consideraveis são as de Santos, S. Vicente, Conceição, Iguape, Cananéa, Paranaguá, praias da Laguna e Torres, as quaes, pela maior parte, ainda conservam as conchas inteiras.

Nas excavações, que se tem feito, tem-se encontrado machados de seixos muito rijos, fragmentos de panellas, caveiras e ossos humanos, o que não admira visto como quando estavam na época da pesca e morria algum dentre elles, davam-lhe por sepultura as ostreiras, onde os enterravam.

Estas ostreiras são muito visiveis, abundantes e unidas umas as outras nas margens dos rios Grogussu, Corrêas, Almeida, Foral, Ribeirão, Pedras, Jacarehy, Saquaremussu e Saquarema.

A's margens do rio Sagrado encontra-se a mais extença das ostreiras, a que dão vulgarmente o nome de Sambaqui-guassu, que em nossa lingua quer dizer—ostreira grande : mede de 250 a 400 braças de comprimento, e outro tanto de largura ; fica a 50 de distancia da margem do rio Sagrado.

Pela grandeza desta ostreira suppoem os mais versados nos costumes indigenas que fosse alli a residencia do Cacique ou o principal dos principes de todas as tribus.

Alem destas encontram-se outras menores pela

margem dos rios Ilhéos, Itapetanduba, Cubatão, S. João, Costeira do Registro, Ponta do Pinheiro, Itapuna, Faisqueira, Guatinga, Passaguera, Larangeiras, Guareksava até a ilha das Peças, Cobas, Papagaio, Rasa, Cutinga, Gamellas, Ostras, Bonito do Pavuçá, Pinto, Bigná, Jereré do Guaruna, Teixeira, Lannin, Palmas, Itapuna, Corisco, Uvamiranga, Albano, Gonçalo, Sousa, Barbosa, Robim, Mourão etc....

A vista, pois, desta digressão necessaria não é muito o seguinte calculo approximativo: admittindo que cada horda se compuzesse de 10 familias, e cada familia de 100 pessoas, admittindo mais que em toda a periferia das bahias houvessem cem aldêas, teremos as 10 mil almas, em que computamos a população indigena; o que não é para admirar visto como é proverbial ainda em nossos dias a fecundidade dos indios.

VIII.

Roteiro geographico das distancias de uns para outros lugares no interior e exterior da bahia de Paranaguá até S. Paulo.

E' uma das cousas mais interessantes e necessarias para um viajante um roteiro, que mostre com clareza e verdade as distancias entre dous pontos dados.

Isto posto, não é destituida de interesse a parte do nosso trabalho, que o comprehende, visto como póde ella servir para orientar o viajante e preveni-lo ácerca do numero de horas, que tem de empregar no seu trajecto para o fim de tomar suas medidas de precaução na escolha dos pouzos pernoitar.

A ilha do Mel mede 2 1/2 leguas de comprimento sobre 1 de largura.

A das Peças 2 1/2 de cumprimento sobre 2 de largura.

A da Cutinga tem 2 de comprimento sobre 1/2 de largura.

A Rasa Pequena o mesmo comprimento e largura.

Da barra grande a cidade ha pois 3 1/2 leguas a percorrer: da mesma á cidade de Antomina 7 leguas.

A entrada da barra mede 500 braças de largura.

A bahia em frente ao Rocio tem 1 legua de margem a margem: esta largura é conservada até á Ponta Grossa.

A bahia das Larangeiras desde a ponta da ilha das Peças até á Ponta do Pasto mede 3 1/4 leguas de distancia.

Da Rasa-Grande até á ponta de Guarecksava vão 2 leguas: da barra das Larangeiras até o Varadouro ha 1 legua pouco mais ou menos.

Da fóz do Guarecksava até o rio Gurguassu na costeira da barra do Sul vão 4 leguas.

Da fóz do Guarecksava até á falda da serra das Cadêas 7 leguas.

Da serra do Prata a do Guarumbi 12 leguas.

Do Pontal do Sul até a do Guarumbi 11 leguas.

Da fóz ao Cubatão até a falda da serra do Guarumbi 4 e 1/2 leguas.

De Antonina ao Morro Grande 2 leguas.

Da fóz do Cachoeira a falda da serra, que fica

entre os dous ramos salientes, que della descem, 4 1/2 leguas.

Da fóz do Cachoeira á do Itaqui, 4 leguas.

Da ilha do Teixeira a Antonina, 1 1/2 legua.

Da mesma á da Cutinga 3 leguas.

Da Cutinga á Barra Grande, 3 leguas.

Da mesma ao Ararapira 1 1/2 leguas.

Do Ararapira á entrada da bahia do Trepande, 4 leguas.

Da barra da Cananéa até o fim da bahia do Ariraia, 2 leguas.

A ilha da Cananéa mede 5 leguas de comprimento e 1 de largura ; a barra tem na sua maior largura 3/4 de legua de costa a costa.

A praia do Araripira tem 4 1/2 leguas de extensão ; o isthmo desde o oceano até á bahia dos Pinheiros 2 1/2 leguas.

Da barra de Paranaguá a Guaratuba vão 6 leguas.

Da de Guaratuba á fóz do rio S. João, 4 leguas.

A bahia da Guaratuba, proxima á barra mede 1 1/4 legua de largura.

Passaremos agora da Cananéa para o Norte.

Da fóz do Taquiri até ás varseas das serras grandes vão 3 leguas.

Da fóz do Itapitanguy até ás mesmas serras, 1 1/2 legua.

Da fóz do Cambarapui e Ariraia até á mesma serra 2 leguas.

Da barra da Cananéa até á de Iguape, 13 leguas rio acima.

De Iguape a Xeririca.	1/2	legua
De Xiririca a Ivoporenduva. . .	9 1/2	»
De Iguape a barra da Ribeira . .	6	»
Da barra de Iguape ao Monte da Jurea	3 1/2	»
Da ponta da praia da Jurea ao rio Guarumbi.	4	»
Da barra do Guaruhu á do Peruibe.	3	»
Do Peruibe á Conceição de Itanhaem	5 1/2	»
Da Conceição á barra de Santos .	5	»
De Santos a S. Paulo.	12	»
De Paranaguá a Antonina (por mar)	5	»
De Antonina ao Porto de Cima. .	3 1/2	»
Do Porto de Cima até o Campo. .	3 1/2	»
Da borda do Campo á Curitiba, pela estrada de Cima	5 1/2	»
Idem Idem pela estrada de Paranaguá.	6	»
De Morretes a S. José dos Pinhaes.	8	»
De S. José dos Pinhaes a Curitiba.	2 3/4	»

De Morretes ao Porto de Cima,

pela estrada da margem direita do Cubatão . . . . . 1 1/2 leguas
De Antonina a Curitiba, pela estrada do Barro Vermelho . . . 12 1/2 »
Idem pelas dos Morretes e Arraial. 13 »
Idem a Castro pela estrada nova . 26 »
De Curitiba a Votuverava . . . 6 »
De Votuverava á villa do Apiahy . . . . . 17 »
Do Apiahy á estrada de Sorocaba. 16 »
De Curitiba a Sorocaba. . . . . 39 »
De Curitiba ao Campo Largo . . 4 »
Do Campo Largo ás Palmeiras . 12 . »
Das Palmeiras á Ponta Grossa. . 7 »
Da Ponta Grossa a Castro . . . 6 »
De Curitiba a Castro. . . . . 29 »
Idem ao Rio Verde . . . . . 8 »
Do Rio Verde ao Principe. . . 7 »
De Curitiba á villa do Principe. . 15 »
Da villa do Principe ao rio da Vargem. . . . . 4 »
Do rio da Vargem ao Rio Negro. 4 1/2 »
Do Rio Negro ao Campo da Estiva . . . . . 4 »
Do Campo da Estiva ao morro do Espigão . . . . . 8 1/2 »
Do Espigão ao Rio das Canôas . 22 »
De Curitiba á Lages. . . . . 62 »

De Antonina por Curitiba e Sorocaba a S. Paulo . . . . . 11 1/2 leguas.

A saber:

De Antotonina a Curitiba . . . 13 1/2 »
De Curitiba a Itaioca . . . . 14 »
De Itaioca a Pitangui . . . . 3 3/4 »
De Pitangui a Castro . . . . 5 1/2 »
De Castro a Itapera . . . . . 30 »
De Itapera a Itapitangui . . . 18 »
De Itapitangui a Sorocaba. . . 12 »
De Sorocaba a S. Roque . . . 5 »
De S. Roque a Cutia . . . . 3 1/2 »
De Cutia a S. Paulo. . . . . 6 »

Com o auxilio deste pequeno e imperfeitoroteiro póde-se viajar por mar e por terra por toda a provincia do Paraná sem receio de enganar-se de um modo prejudicial.

—

IX.

TITULOGIA DAS FLORESTAS PRECIOSAS, ERVAS MEDICINAES E OUTROS VEGETAES SEMELHANTES.

Debaixo deste titulo abrangeremos todas as madeiras conhecidas na provincia do Paranaguá, e nos esforçaremos para classifica-las segundo os mysteres á que são destinadas

Dar-lhes-hemos os nomes por que são vulgarmente conhecidas no commercio. Bem quizeramos classifica-las segundo nos ensina a sciencia ; a dificiencia de luzes, porém, neste, como em outros ramos della, nos obriga o ser moderados em nossas pretenções.

Arariva vermelha, amarella e preta empregadas vantajosamente nas obras de marcenaria.

Arucurana.

Angelim vermelho.

Angelim de roda.

Andrade.

Almecega. Sua resina é balsamica e medicinal.

Arassa-piranga, arassarama branca e preta, arassatinga, arassaima, anhaiba, aroeira, andiroba, apuan, araticum, anhomemluca, alleluia, angico, cuja resina é excellente para a tisica pulmonar e cujo succo das folhas trituradas é o melhor balsamo conhecido para quedas, golpes e feridas de bala. acum, arvore fructifera.

Batinga branca e vermelha, barabu roicho macho e femea, bicuiba, bicuhybussu, brejuúba grande e pequena, bataiá, baguassu, barurana, bracatinga, bitary e bothêa.

Canella amarella grande, preta pequena, siba branca, de Paulo Teixeira, cuberiúba grande e pequena, cravo vermelho de concha, caiarana grande e pequena, cedro vermelho grande e pequeno, carvalho (de duas qualidades) coudu ponna, caixeta branca, preta e amarella, caborahy, corindinba (o carvão desta madeira é melhor para a manipulação da polvora do que o do pinho,) cotipotanguera, caroba (anti-bobatico) cuninga, capouroca, carapica, cabiuna, canna ou páo preto, caryrya, cobetinga, cortiça, cambiboca, Cuiape ou piuba pequena, canna fistula, copahyba, coração de negro.

Embaúba, embuiá ou buiu, embirussu, embira, enga-caraparra, mirim, amarrello e grande, ebanna.

Figueira grande, figueirinha e figueira fructifera.

Gurapuan, guaraparim, guairema, guanandi, guaperubu, guarapessica, guaraitá, guabiroba grande e pequena, guiné, guopoan, gurajuba, garuba grande e pequena, guarapari, gracupari jaupé, guarapein, guaroporunga, guapava grande e pequena, guracuhy, guaraporemgára, guarapiranga, gracunhã, guaporo-róca, guaperida, giçara, gicara-equira, guracotinga, gurapohy, guanandirana, guaiacu, ou guaiá guaraessica.

Ipé preto, amarello e pardo, jacarandá, jequitibá (a estopa feita deste páo é a melhor, que se conhece para o calafato de navios) jaguaripiroca, jaguaratauba, jacuba, inhuibatan.

Louro grande e pequeno preto, branco e amarello.

Larangeira brava e mansa, limeira e limoeiro do mato.

Massaranduba grande e pequena, mandubahu grande e pequeno, massatunga ou quassatunga, Matambu, Maria paeta, Mamica de gato, e Murta.

Nhambuiba grande e pequena, nhandiaiba ou mandubahyba e nutinga.

Opiuna, oleo pardo e amarello, ohytissica.

Peroba pequena vermelha, pindahuba, pio do

Aleixo, Páo de colher, páo sangue, páo d'alho, páo do macaco, páo do orvalho, páo do arco, páo do leite (gamelleira) páo do louco, páo de violas, páo de tiriva, palmeira de 8 especies differentes, penitencia, pequiá preto e amarello, potumugy, macho, e preto.

Sassafraz branco, preto e vermelho, simão de arruda, sopopema, sapucaia e sobro.

Taroman, tapiguassu, tambiturava, Tapiá, tapixara, timbuiba branca e vermelha, tajauba ou Potumaju.

Umiuba, Ubaia, Voupeba, Uva-mirim, Ubarana (fructifera) Ucumba.

Xaxim.

A este pequeno catalogo póde-se juntar mais 15 qualidades distinctas de sipós, vulgarmente conhecidos pelo nome de pregos do Brasil, cujo prestimo está muito além de todo o elogio.

Estes sipós servem, alguns para factura de betas, cabos e amarras de navio, outros são do uso exclusivo da medicina e o resto desprezado por perniciosos á saude. São elles os seguintes:

1.º Sipó embeguassu, 2.º o embira, 3.º sipó grande, 4.º sipó de casca (desta especie é que são feitas as amarras para navios) 5.º sipó de mocuna, 6.º Timbopeba (serve para trabalhos delicados) 7.º Tingá, 8.º Piranga, 9.º Chumbo (medicinal) 1 o Espinho, 11. Alho, 12. Unha de gato,

13. Japecanga, 14. Timbó (venenosissimo) 15 Timbotinga.

Ha mais 7 especies de canna, conhecidas, e são: Taquapenima, Taquamirim, Taquara legitima, Taquaroba, Taquapira, Canna do Reino, Taquaboca, as quaes são empregadas nos misteres da vida commum.

Medicinaes.—São de uso frequente na medicina legal a cebola-sinsim, a raiz da ipepacuanha, da batatinha alcassus, caiapiá ou de mil homens, castanha de S. Ignacio, quina, bocouba (fruta do jacarandá) pinhão bravo, raiz de tajuja, sipó de chumbo, sassafraz, barbatimão, jequitibá, sapé, andauaçú.

As hervas são: malvas, malvaisco, saracura ou malva da pedra, mangerona, mentrasto, macella gallega, macella romana, alecrim, alfazema, mangericão, herva doce, cuentro, fedegoso, herva de bicho, herva moura, herva do passarinho, herva justão, teririque, cordão de frade, cobra de Santa Maria, mentrasto, azedinha, gramma da praia, pé de gallinha, salda, beldroega, agrião, avenca, borragem, pariparoba, capeba, arruda, chicoria, senouras, cardamômo, cuiamonso, dormideira, herva cidreira, ortelã preta, losna, poejo salsa e salva.

Todas ellas exoticas ou não espontaneamente no terreno do municipio de Paranaguá, onde se encon-

tra muitas outras especies, que nos são desconhecidas é que por esta razão as não podemos classificar, deixando este trabalho aos cuidados dos doutos, que se derem a penosa tarefa de explorar as florestas dessa bella provincia, infelizmente hoje na maior decadencia.

X.

ZOOLOGIA DOS ANIMAES QUADRUPEDES, TERRESTRES E AQUATICOS, PEIXES E AVES, QUE POVOAM AS FLORESTAS E AGUAS DO MUNICIPIO DE PARANAGUÁ.

Necessitavamos collocar-nos na altura do sabio Cuvier, precisavamos dispor de um talento tão transcendente e brilhante e de um cabedal scientifico igual ao delle para nos orientarmos no dedalo de classes e subdivisões de clases de todos os habitantes dos tres reinos da natureza.

Na deficiencia de uma e outra cousa contentar-nos-hemos com especifica-los alphabeticamente, dando-lhes os nomes por que são vulgarmente conhecidos em Paranaguá e seus contornos.

Áquelles que á vista dos dados verdadeiros, que forneço, se quizerem dar ao trabalho de confeccionar uma obra perfeita e duradoura cabe esta gloriosa tarefa.

Anta de pello ruivo, preto e as pequenas conhecidas debaixo do nome de Cambassica.

Bogios grandes barbados, pretos e os pequenos.

Capivaras grandes, brancas, pequenas, ruivas e cão silvestre, cutias ruivas, cachorro do mato, coelhos pardos e brancos, camaleões vermelhos, amarellos e verdes.

Gatos do mato de seis especies, a saber: os grandes, os mouriscos, os pretos, os baios, e os jaguareticos.

Jaguapeva, especie de cão sem pello; os guaraxões são baios, Irara outra especie de cão do mato de côr preta, branca e parda, jaguanes, especie identica de tamanho diminuto, jacarés grandes e pequenos.

Monos grandes e pequenos, a que chamam guaratás, macacos grandes de cara branca e pequenos pintados, denominados Saguys.

Onça preta ou tigre, onça sussuarana de pello avermelhado e cara preta, onça pintada de malha grande e de malha pequena, onça leoparda ou cangussú, ouriços caixeiros grandes e pequenos.

Porcos montezes pretos, ruivos e os de queixo branco, tatitus pertencentes á mesma especie porém de corpulencia inferior, preguiça, pacas grandes e pequenas, pintadas e ruivas.

Quati-mundé grandes e pequenos, pintados avermelhados.

Raposas brancas, pretas e amarellas, ratos do mato baios de rabo preto, pardos de rabo grande e outros denominados detugarapes, pertilhões e apreá.

Tamanduá grande, vulgarmente denominado bandeira, tamanduás de diversas especies inferiores, tatús grandes, tatuaiba, tatupeba, tatúcanastra, tatú-bola, tatuira ou tatuim.

Veados pardos, e baios ou oirás, guatupáras ou fuscos e outros muitos conhecidos pelo nome de Catingueiras, do mato, campeiros e sussuapiras e finalmente a ariranha, o lobo, a doninha e o porco espinho.

Dos reptis.— Ha nas matas da provincia do Paraná desoito especies conhecidas nas cobras, a saber: A jararacussu, jararaca preta branca e malhada, surucucu, sucuri, quatiana preta, boiximinpreta, cauinana preta e amarella, cascavel, coral, vibora, embirussu, voadeira, cobra da agua cobra bra de duas cabeças, cobra-sipó.

A cobra nova, esta cobra passando amiudadas vezes sobre o corpo, mata. A aranha caranguejo, a lacraia doninha, a entanha, o sapo de chifre, a jui e muitas outras, que seria fastidioso enumerar.

Das aves. Araponga, anum, andorinha.

Beija-flôr de doze especies, bentivis, beitacas, biguás.

Colhereira côr de rosa, canario, caracará, coricôxos, cuitellos, cardeaes, corruira, carachós, caturritas, cochixas, chupins azulados e cinzentos, cegonha, coruja, corvo.

Faizão.

Garças brancas, gaivotas, gangos do mar, gaviões grandes e pequenos, gralhas, guaias, guaranás, guarim branco, guachos.

Jucús, jacupemas, jacutinga, jacueácus, Japió, inhambú, jacudiás e jacanás.

Macucos, maracanãs, marrecas do mar, martim pescador.

Pavões, papagaios verdes e pardos, periquitos, patos bravos, pardaes, picapáo, paparros, petanha, pechica e pombas do mato.

Quero-quero.

Socós pretos e brancos, saracuras, sabiás, sabiauna, sanhassú, solteiras, sundarás, sahiras ou chilradeiras de diversas especies.

Tucanussú, tucanos de diversas côres, tucanos-araguans, taugarás pretos, tintim, tico-tico.

Verdilhões, virabosta, uruz.

Xupins pretos, amarellos e de diversas outras côres.

Dos insectos.—Quinze são as qualidades de abelhas silvestres, conhecidas vulgarmente debaixo dos seguintes nomes, a saber:

Garaipu, tobuna, agetahy, tapissoá, tojuva

preta, nhoceron, iratim, nhegon, mandaisaia, imerim, voraz, mandiri, tojuva vermelha, vohira, irapoá.

Além destas, temos já domesticadas as especies seguintes :

Urucus, meinbuca, atheuba, capineira, tatuhyra, acaruára, preguiçosa e mosquitinho.

Accresce a este catalogo sete qualidades ou especies distinctas de vespas, a saber:

Mamangabas, cassonangas, guaráca pretas, cambessim vermelhas, irixiguans, maribondos pretos, brancos e vermelhos.

Muitos outros insectos, taes como os perna-longas, os borrachudos, os bolucos, existem : fóra porém, fastidioso enumera-los.

Dos peixes —E' proverbio desde a mais remota antiguidade, que as bahias de Paranaguá e toda a sua costeira, pelo lado do oceano, foram sempre mui piscosas.

Os carijós, mui dados a vida do mar, de preferencia a toda a costa do sul, vieram estabelecer suas cabanas nestas paragens em consequencia da grande abundancia de pescado, que ahi havia.

Outr'ora Paranaguá suppria de peixe secco e salgado as capitanias de S. Vicente, Rio de Janeiro, Bahia e colonia do Sacramento; hoje, porém, esta industria, como muitas outras, está quasi

abandonada: apenas pescam o necessario para supprir a praça do mercado.

Os lugares mais piscosos da bahia são: ilha das Peças, das Cobras, Cutinga, Rasa Grande e Pequena, Jerêrê, Guararema, Teixeira e differentes outros lugares, que não denominaremos para não cansar a paciencia do leitor

Encetaremos o penoso trabalho da qualificação das especies mais vulgarmente conhecidas, e são: alambari, acará, aripotanga, ariranha, badejos, bagre branco e amarello, boto, barbudo, cassão, cassonetes, cruvina-carauna, calafate, casada, dourado, espargo, guaçari, jasseraia, jacaré do mar, ipiúba, jundia, lingoado, mandehy-more, mandehitinga, mero, miraguaia, olhete, palombeta, pescadinha branca e amarella, paraty, peixe agulha, dito espada, peabanha, peixe páo, papaterra, parús, parúba, paratipucú, picopeba, roncador, raias, robalo, sargo, saguiaru, saveiha, sardinha, tainha, tainhóta, tarcupotanga, tarahyra, tarahirussú, taiabacu, tartaruga, xupête, garopa.

XI.

DA MINERALOGIA.

O municipio de Paranaguá, que outr'ora abrangia igualmente Antonina e Morretes, ficou pela ultima divisão muito reduzido.

Suas minas antigamente muito florescentes e afamadas ao presente estão esgotadas, abandonadas, e quasi esquecidas.

Contentando-se os nossos antepassados em colher as palhetas, que achavam na superficie da terra, sem comtudo buscarem as veias, rasgarem a terra e extrahir os metaes preciosos, logo que lhes altou a camada da superficie, deram-as como fextinctas.

Os lugares, em que as veias superficiaes se apresentaram foram nas margens e algumas vezes nos leitos dos rios Gurguassu, Assemguz, Tagassaba, Faisqueira, Pinto e Guarumbi.

A maior parte das lavras fazem parte ao presente do districto de Morretes e estão abandonadas pela falta de industria dos habitantes e estudos especiaes para desempenho de semelhante mister.

As minas de prata abundavam na serra, por cujo nome é hoje conhecida. O grande custo que encontravam os mineiros, a pouca pratica e nenhuma experiencia, que tinham da maneira por que se deviam escavar as minas, fez com que fossem ellas abandonadas, ignorando se hoje até a existencia de seus jasigos.

O azougue ou mercurio vivo abunda por baixo das camadas vulcanicas, conhecidas vulgarmente pelo nome de pissárra, nos dous angulos extremos da cidade; fazendo-se notavel a que fica pela parte do Estaleiro, demandando as ribanceiras do rio Chimbo.

Tambem não seria difficil encontrar-se o estanho e o enxofre na mesma peripheria se alguem apparecesse, que se desse ao trabalho da exploração.

Abundam as pedreiras de que se extrahem as pedras para rebollo, as de tabatinga branca finissima de qualidade identica á da China.

Muitas e variadas são as preparações ferruginosas, que se manifestam pelas côres amarella, roxa, encarnada e preta, que apresenta o barro.

XII.

INDUSTRIA.

Muito mais adiantados se mostraram os nossos antepassados na industria agricola do que nós, mais avisados andaram quando, obedecendo á uma só cabeça porfiavam em avantajar-se uns aos outros por actos de decidido civismo; mais amavam o seu paiz quando até á custa de seus cabedaes promoviam a sua prosperidade.

O que vemos nós hoje? Todos os homens entregues a uma politica retrograda, a desunião plantada no paiz e por conseguinte a nossa fraqueza patente aos olhos avidos do estrangeiro, nossos campos desertos, nossas cidades menores sem industria, a pobreza por toda a parte, e com ella a miseria e o seu triste cortejo.

Qual o paiz do mundo mais favorecido pela natureza para a plantação do canhamo, do algodão,

do que o Paraná? Que melhor lugar poderiam encontrar para a edificação de uma fabrica, que se occupasse da reducção da materia prima a finos e delicados tecidos?

Que milhares de arrobas de fino chá não poderia exportar esta provincia se um curioso curasse de sua plantação e preparo?

A mamoña, que vegeta por toda a parte espontaneamente, se fosse reduzida a oleo e exportada, que lucro fabuloso não offereceria ao especulador, que se entregasse á sua cultura?

E o fumo? Que grande commercio não poderia essa bella provincia sustentar com a Europa, que lhe pagaria em tecidos de todas qualidades, que postos no seu mercado, lhe ficariam infinitamente mais baratos do que idos do Rio de Janeiro?

Que vantagem não teria o chimico na factura da soda e dos nitratos extrahidos de tão variada collecção de vegetaes uteis ora abandonados?

Quando chegará a vez do Paraná erguer altivo o seu collo ora tão curvado?

—

XIII.

DESCRIPÇÃO DOS EDIFICIOS PUBLICOS DE PARANAGUÁ, NOTICIA DAS DIVERSAS IRMANDADES E CORPORAÇÕES, INCLUSIVE A ESTATISTICA DA POPULAÇÃO ATÉ 1849.

O nome por que os indigenas denominavam a bahia do Paraná; por corrupção chama-se hoje indistinctamente Paranaguá, comprehendendo essa designação a bahia e cidade, cuja invocação é de Nossa Senhora do Rosario.

Esta villa foi elevada á categoria de cidade pela lei provincial n. 5 de 5 de Fevereiro de 1842.

Fica collocada á margem esquerda do Itibiré, proxima a sua fóz, e distante da ilha da Cutinga, que lhe fica fronteira, 1 1/2 legua.

Seus edificios se estendem sobre uma grande planicie de arêa, e ficam sobre uma ribanceira escavada pela corrente das aguas do rio.

Não é apparatoza vista de longe, porque a ilha da

Cutinga e as sinuosidades do rio a occultam em grande parte.

Se, porém a cidade em vez de ter sido ahi collocada o fosse á beira do mar, na costeira de Nossa Senhora do Rocio, onde fica a parte mais larga da bahia, e onde precisamente o panorama, que apresenta, é o mais aprazivel; se em vez de escondida pelos montes, que a cercam por todos os lados, estivesse desassombrada, certo que poderia rivalisar, vista do mar, com a bahia de Nitherohy. Apesar de tudo, o effeito não é desagradavel.

Foi elevada á categoria de villa em 1648 e outr'ora ennobrecida com o titulo de capitania, que lhe conferio o marquez de Cascaes, considerando-a propriedade sua.

Os habitantes desta cidade de 1811, com a sua camara municipal á frente, mandaram diversas petições a Sua Magestade, impetrando a graça de sua separação da provincia de S. Paulo, e a creação de uma provincia com Paranaguá por capital. *Muito acertados andaram ambos quando redigiram suas supplicas nesse sentido; pois que de semelhante medida depende a prosperidade da provincia inteira.*

Seu governo civil e militar sempre esteve nas mãos dos capitães-móres até 1765, em que passou para a dos officiaes militares, sendo o primeiro desta classe o ajudante de ordens do general da capitania, Affonso Botelho de Sampaio e Souza,

seguindo-lhe sem interrupção seus successores até a época em que o Paraná foi elevado á categoria de provincia.

Releva, comtudo, notar que não foram extintos os capitães-móres; restringio-se apenas sua autoridade, que ficara limitada ao commando dos corpos de ordenanças: ainda hoje algumas destas autoridades existem em Curitiba, Paranaguá e Morretes.

In illo tempore, contava a cidade como seus melhores edificios publicos os seguintes:

Uma casa da camara, toda de cantaria, a qual foi reedificada em 1844 ás expensas da assembléa provincial, que para semelhante fim lhe outorgou pela lei de 30 de março do mesmo anno, 1:000$.

O collegio dos antigos jesuitas, onde infelizmente está ao presente a alfandega e aquartelamento da tropa de linha e guarda nacional destacada.

Uma casa de maçonaria, uma identica onde funccionava a sociedade de baile denominada Amizade, a casa da polvora, hoje em ruinas, o hospital da Santa Casa da Misericordia, o theatro, a capitania do porto e as igrejas matriz, ordem terceira, capellinha do Senhor Bom Jesus e S. Benedicto.

Descreveremos separadamente cada um dos edificios antigos ou modernos, quando delles nos occuparmos.

A instrucção primaria é limitadissima; ha apenas na cidade de Paranaguá duas escolas de primeiras letras para meninos, outras duas para meninas, um collegio com internato para o sexo feminino e uma escola de latinidade.

O licêo, que a assembléa mandou crear em Curitiba, antes o tivesse creado em Paranaguá, onde a civilisação e o desejo de instrucção estão muito mais desenvolvidos.

O crescimento da população é maravilhoso. Em 1785, contava a comarca de nossos dias apenas 3,427 habitantes, e hoje podem ser orçados sem receio de erro os moradores dos dous districtos em 19,000.

A estatistica de 1849 mostra-nos que o 1º districto se divide em 20 quarteirões, os quaes contam 1,253 casas habitadas com 1,568 fogos, que equivalem a 12,544 almas.

O 2º districto se compõe de 12 quarteirões com 698 fogos, que equivalem a 5,584 almas.

Se a este calculo estatistico muito irregularmente feito juntarmos mais 2 %, é possivel que obtenhamos o algarismo approximativo da verdadeira população.

Este crescimento não deve admirar áquelles que sabem que os casos de longevidade em Paranaguá e seus contornos são muito usuaes, aquel-

les que sabem que o termo médio da vida de uma creatura nesse clima é avaliado em 70 annos.

O porto tem bom surgidouro, as embarcações podem atracar ao cáes, onde ha fundo bastante, apezar das correntes terem-o prejudicado consideravelmente, e tanto, que hoje se vêm muitissimos bancos de arêa, onde outr'ora era fundeadouro para as grandes galeras, que largavam ancôra em frente á Matriz e Ponte Grande (ponta extrema da cidade pelo lado do continente).

O commercio se divide em duas partes bem distinctas uma da outra, a saber: a que diz respeito ao commercio de exportação, que é privativamente entretido com as republicas de Montevidéo, Buenos-Ayres e Chili; e o de importação ou cabotagem, que é feito com o Rio de Janeiro, Santos, Rio-Grande do Sul, Santa Cathárina, S. Francisco, Bahia e Pernambuco.

Com a Patagonia e Sallado, antigamente houve algum commercio, que se extinguio *desde que os capitães de navios deixaram de fazer as viagens não perdendo a costa de vista*.

A exportação constava de farinha de mandioca, peixe salgado e secco, madeira, embé, até o anno de 1807; deste anno em diante juntou ao catalogo dos generos nomeados, mais o arroz pillado, farinha de trigo, trigo em grão, herva mate em

bruto, taboado, bêtas de embé, couros, meios de sola e pouco café.

Ao presente, á excepção da herva mate e da madeira, tudo o mais é importado por esta mesma cidade, cuja agricultura foi outr'ora tão florescente; accrescendo a este triste quadro a carestia dos fretes e a exorbitancia dos mesmos, autorisada pelo monopolio.

No anno financeiro de 1848 a 1849 sahiram do porto de Paranaguá, com destino aos outros portos, 100 embarcações com 5,836 toneladas e 92 para o estrangeiro com 22,940 toneladas.

Neste mesmo anno exportaram-se 336,713 arrobas de herva, e a renda da alfandega montou á quantia de 95:681$086.

No de 1859 a 1860 exportou-se 460,454 arrobas de herva no valor de 1.562:562$609 sendo os direitos cobrados pela Alfandega de 80:754$516. Neste mesmo anno foi o rendimento total liquido della de 135:201$210 e o bruto de 149:833$029.

As embarcações sahidas para portos nacionaes foram 89 com uma tonelagem de 8,275 e as com destino aos portos estrangeiros 48 com uma tonelagem montante a 13,778.

Civilisação, genio e caracter.—Os paranaguenses muito se têm avantajado no trilho da civilisação em consequencia do trato, que têm tido já com os filhos das grandes cidades, já com o estrangeiro;

são urbanos, joviaes, hospitaleiros, e têm bom gosto para trajar.

O jogo das linguas estrangeiras não lhes é no todo indifferente, o que na verdade se harmonisa com a avidez, que se lhes nota por tudo quanto póde ser instructivo; são curiosos em extremo, quer com referencia aos estudos scientificos, quer com relação ao trato particular ou interno.

As senhoras são criticas e dadas a um luxo excessivo, e que se não compadece com a pobreza da provincia, dansam regularmente e não sem alguma graça, são galanteadoras e propensas á satyra picante. Em geral são apreciaveis no trato intimo, excellentes mais, polidas e agradaveis; tocam regularmente o piano, mas não são dadas ao canto.

Tranquillidade publica.—Se um partido denominado *cascudo* e outro *pellado* não tivessem fomentado reciprocamente calumnias, intrigas e a sisania; se em vez de seus chefes só procurarem empolgar as posições officiaes em favor dos membros de sua familia, com exclusão dos da outra; se só lançassem mão dos meios legaes para attingirem as regiões do poder em lugar de se entregarem ao asqueroso papel de intrigantes politicos, haveria em Paranaguá a mais sincera e fraternal amizade entre as familias principaes.

Se a união formasse a base desta sociedade; se

uma vontade energica se levantasse para destruir a intriga, plantar a moralidade, castigando ao criminoso protegido, seria essa cidade a mais morigerada e pacifica de todo o Brasil.

Ainda assim, no espaço de 15 mezes, que alli rezidimos, não nos lembra ter ouvido fallar de que se tivesse feito uma prisão por disturbios ou perturbação da tranquillidade publica.

Este espirito mesquinho de partido, mas que classificamos como espirito de interesses pessoaes, tem levado á decadencia e ruina a cidade de Paranaguá, outr'ora tão florescente.

A desunião lavrou até nos seios das sociedades recreativas, que uma após outra, fecharam todas as suas portas, deixando a cidade entregue á mais absoluta e profunda monotonia.

A illuminação publica que outr'ora a camara municipal, quasi sem recursos, fazia, hoje, posto disponha do triplo dos rendimentos, julgou dever illimina-la por economia.

Logo que anoitece as ruas das cidades ficam entregues á mais completa escuridão se o Creador não suppre esta lacuna, mandando que o satellite da terra faça o seu gyro.

Se se não rouba impunemente, não é porque a policia esteja vigilante, nem disponha de largos recursos, é porque, seja dito em honra dos paranaguenses, na cidade, ou antes em todo o munici-

pio, não ha assassinos ou larapios. Pode-se com toda a liberdade e franqueza dormir a somno solto, deixando-se as portas escancaradas, que no dia seguinte se achará tudo, inclusive o dinheiro, que se tiver deixado sobre a mesa e bem patente para quem transitar pela rua.

Se houvesse quem tomasse a peito destruir essa decantada politica egoistica e vil, que tudo destróe e acaba, teria prestado um assignalado serviço a toda a provincia, que, desassombrada desse pesadelo maldito, prosperaria em um periodo muito limitado.

Creio, e posso affirmar que a mudança da capital de Curitiba para Paranaguá, onde existe o foco da intriga politica, attingiria a esse desideratum, muito principalmente se o presidente da provincia fosse energico e proprio para nullificar certos personagens, que tudo pretendem invadir e avassallar.

A vocação dos paranaguenses pelas sciencias astronomicas é decidida. Aquelles que por suas posses se têm podido dedicar a ellas, têm provado vantajoso aproveitamento.

Assim que, muitos delles se têm distinguido por notaveis discursos proferidos na assembléa provincial; discursos em os quaes se observa o mais decidido patriotismo.

Alguns dos mais notaveis e talentosos seriam

effectivamente eleitos a assembléa geral, se no seio da provincia não tivesse lavrado a intriga, que tem sido alimentada e explorada em beneficio de homens, sem duvida muito distinctos, porém inteiramente estranhos aos interesses mais vitaes da provincia.

A applicação dos paranaguenses pelo commercio é manifesta; uns tem em outras provincias do imperio vingado fazer avultada fortuna, outros a têm ido procurar em paizes estrangeiros e tem sido tão felizes como os primeiros.

A vocação pela vida maritima lhes é innata e tão pronunciada que, faltando-lhes os meios de instrucção, sujeitam-se a servir na qualidade de praticantes sem vencimentos por dous e mais annos a bordo dos navios mercantes.

Muito pouco desenvolvida é a agricultura da provincia e tão pouco desenvolvida que quasi toda ella está inculta; comtudo notam-se, ainda que muito poucos, alguns estabelecimentos bem montados para preparar a aguardente, moer a canna, pillar o arroz, debulhar o milho, fazer a farinha etc.

Não concluiremos este artigo sem tornarmos bem saliente a propenção desse povo pela vida do mar: servirá isto de desmentido áquelles que estão convencidos, de que o brasileiro é inimigo do mar ou antes não tem vocação por essa vida.

Como prova da nossa proposição, e assentando os nossos argumentos em factos consummados, diremos que os poucos paranaguenses, que têm logrado aprender a nautica, têm dado provas do seu aproveitamento exhibindo as cartas de *sota sem limites* que lhes tem conferido a academia de marinha; diremos mais que de preferencia dedicam-se á navegação do alto mar.

E o que é mais notavel ainda, é que alguns não sabendo lêr nem escrever, conduzem praticamente os seus navios ao porto do seu destino com tal segurança e certeza, que causa verdadeiro pasmo.

Em regra geral, são os habitantes da marinha excellentes praticos da costa, pois que conhecem todos os seus recifes, canaes, varadouros e furados.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

INDICE.

I—Descoberta do Brasil, dita da capitania de S. Vicente, fundação da villa de Paranaguá. 5

II—Fundação da villa de Paranaguá e outras. . 43

III—Discripção topographica das montanhas, e serras, collinas e outeiros, comprehendidos na bacia da bahia de Paranaguá até a villa de Cananéa. 49

IV—Discripção hydrographica das bahias de Paranaguá e dos rios que nellas desaguam. 55

V—Agricultura do municipio de Paranaguá, nas margens de seus rios, fertilidade vegetativa do seu solo 77

VI—Clima e salubridade dos municipios de Paranaguá, Morretes e Antonina 81

VII—Breve noticia sobre as tribus Carijós, que outr'ora popularam os contornos da bahia de Paranaguá 85

VIII—Roteiro geographico das distancias de uns para outros lugares no interior e exterior da bahia de Paranaguà até S. Paulo . . . 91

IX—Titulogia das florestas preciosas, ervas medicinaes e outros vegetaes semelhantes . . 97

X—Zoologia dos animaes quadrupedes, terrestres e aquaticos, peixes e aves, que povoam as florestas e aguas do municipio de Paranaguá. 103

XI—Da mineralogia 109

XII—Industria 111

XIII—Discripção dos edificios publicos de Paranaguá, noticias das diversos irmandades e corporações, inclusive a estatistica da população até 1849 113